



Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Vice-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia
Mestrado em Processos Clínicos

O Comportamento Verbal do Esquizofrênico sob Múltiplas Condições de Controle

Roberta Maia Marcon

Ilma A. Goulart de Souza Britto

Goiânia
Março, 2010



Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Vice-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia
Mestrado em Processos Clínicos

O Comportamento Verbal do Esquizofrênico sob Múltiplas Condições de Controle

Roberta Maia Marcon

Ilma A. Goulart de Souza Britto

Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Goiás para a obtenção do título de Mestre em Psicologia do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*.

Goiânia
Março, 2010

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

M321c Marcon, Roberta Maia

O comportamento verbal do esquizofrênico sob múltiplas condições de controle / Roberta Maia Marcon. – Goiânia, 2010. 106 f.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Psicologia, 2010.

“Orientador: Ilma A. Goulart de Souza Britto”.

1. Esquizofrênico – comportamento verbal. 2. Esquizofrenia – comportamento emocional. 3. Psicologia experimental. 4. Análise funcional – esquizofrenia. I. Título.

CDU: 159.9.019.43: 616.895.8(043.3)

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS.

No dia 15 de março de 2010, às 14:00 horas, na Sala 302, Bloco A, Área IV, Campus I da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, **ROBERTA MAIA MARCON**, discente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia (2008.1.055.002.0026) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, expôs, em Sessão Pública de Defesa de Dissertação de Mestrado, o trabalho intitulado **O comportamento verbal do esquizofrênico sob múltiplas condições de controle**, para Comissão de Avaliação composta pelos(as) docentes: **Dra. Ima Aparecida Goulart de Souza Britto** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Presidente da Comissão), **Dr. Lorismário Ernesto Simonassi** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Membro Convidado Interno), **Dr. Lauro Eugênio Guimarães Nalini** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Membro Convidado Interno), e **Dr. Fábio Jesus Miranda** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Membro Convidado Suplente). O trabalho da Comissão de Avaliação foi conduzido pelo docente Presidente que, inicialmente, após apresentar os docentes integrantes da Comissão, concedeu 30 minutos à discente candidata para que esta expusesse o trabalho. Após a exposição, o docente Presidente concedeu a palavra a cada membro convidado da Comissão para que estes arguissem a discente candidata. Após o encerramento das arguições, a Comissão de Avaliação, reunida isoladamente, avaliou o trabalho desenvolvido e o desempenho da discente candidata na exposição, considerada a trajetória deste no curso de mestrado. Como resultado da avaliação, a Comissão de Avaliação deliberou pela:

Aprovação da dissertação

A Comissão de Avaliação declara o(a) discente candidato(a) Mestre em Psicologia. A Comissão de Avaliação pode sugerir alterações de forma e/ou conteúdo consideradas aceitáveis, não impeditivas da aprovação do trabalho. As alterações deverão ser indicadas no Anexo ao presente documento e/ou podem constar na versão lida pelo membro da Comissão de Avaliação para a sessão de defesa da dissertação. Neste caso, a versão lida corrigida deverá ser entregue ao(a) discente candidato(a) no final da sessão. O(A) discente candidato(a) terá o prazo de sessenta (60) dias para os ajustes e entrega da versão final na Secretaria do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, contado a partir da data da sessão de defesa da dissertação.

Aprovação da dissertação mediante reformulação

A Comissão de Avaliação determina que o(a) discente candidato(a) terá o prazo máximo de cento e oitenta (180) dias para realizar a reformulação necessária no trabalho, contado a partir da data da sessão de defesa da dissertação. Os pontos para a reformulação deverão ser indicados no Anexo ao presente documento e/ou podem constar na versão lida pelo membro da Comissão de Avaliação para a sessão de defesa da dissertação. Neste caso, a versão lida, contendo os pontos da reformulação, deverá ser entregue ao(a) discente candidato(a) no final da sessão. Dentro do prazo para reformulação supramencionado, o(a) discente candidato(a) deverá solicitar à Coordenação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia nova avaliação do trabalho, a ser feita através de procedimento específico para casos de reformulação.

Reprovação da dissertação

A Comissão de Avaliação determina que o trabalho apresentado não satisfaz as condições mínimas para ser considerado dissertação de mestrado válida à obtenção do título de Mestre em Psicologia. O(A) discente candidato(a) pode interpor recurso à decisão da Comissão de Avaliação no prazo máximo de trinta (30) dias, contado a partir da data da sessão de defesa da dissertação.

A Comissão de Avaliação:

Para uso da Coordenação/Secretaria do PSSP:	
 Prof. Dra. Ima Aparecida Goulart de Souza Britto Membro Presidente Pontifícia Universidade Católica de Goiás	 Prof. Dr. Lauro Eugênio Guimarães Nalini Coordenador do Programa de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Psicologia Pontifícia Universidade Católica de Goiás
 Prof. Dr. Lorismário Ernesto Simonassi Membro Convidado Interno Pontifícia Universidade Católica de Goiás	 Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Psicologia Pontifícia Universidade Católica de Goiás
 Prof. Dr. Lauro Eugênio Guimarães Nalini Membro Convidado Interno Pontifícia Universidade Católica de Goiás	Observações: 1. Documento válido somente se assinado pela Coordenação e pela Secretaria do PSSP/PROPE/UCG. 2. _____ 3. _____ Visto Secretaria: DF nº: 12 / 2010
 Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda Membro Convidado Suplente Pontifícia Universidade Católica de Goiás	Goiânia, 15 / 03 / 2010



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Av. Universitária, 1069 • Setor Universitário
Caixa Postal 86 • CEP 74605-010
Goiânia • Goiás • Brasil
Fone: (62) 3946.1070 • Fax: (62) 3946.1070
www.pucgoias.edu.br • prope@pucgoias.edu.br

ANEXO DA ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS.

Discente: ROBERTA MAIA MARCON

Matrícula: 2008.1.055.002.0026

Título da dissertação: O comportamento verbal do esquizofrênico sob múltiplas condições de controle

Data do exame: 15 de março de 2010

Correções; modificações; alterações; comentários; observações; pontos para reformulação etc. (Assinatura obrigatória).

Profa. Dra. Ilma Aparecida Gaulart de Souza Britto (Membro Presidente) | Assinatura:

Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):

Prof. Dr. Lorismário Ernesto Simonassi (Membro Convivado Interno) | Assinatura:

Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):

Prof. Dr. Lauro Eugênio Guimarães Nalini (Membro Convivado Interno) | Assinatura:

Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):

Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda (Membro Convivado Suplente) | Assinatura: _____

Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):

Ciente do(a) discente:

Roberta Maia Marcon

Discente Candidata
2008.1.055.002.0026
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Para uso da Coordenação/Secretaria do PSSP:

Visto Secretaria:
DF nº: 12/2010



Goiânia, 15 / 03 / 2010

“A ciência é, antes de tudo, um conjunto de atitudes. É uma disposição de tratar com os fatos, de preferência, e não com o que possa ser dito sobre eles.” (Skinner, 1953/2007, p. 12).

Dedico este trabalho aos meus pais,
Marcon e Livia, cuja existência torna
minha vida mais reforçadora.

Agradecimentos

Foi possível realizar este trabalho devido à ajuda, direta e indireta, de muitas pessoas a quem registro os meus mais sinceros agradecimentos.

Sou grata, primeiramente, a Deus, pelo dom da vida.

Em particular, quero agradecer aos meus pais, que são, possivelmente, as pessoas mais reforçadoras do mundo. Obrigada pela atenção, dedicação e pelos cuidados a mim disponibilizados. Sei que se não tivéssemos uns aos outros, eu não teria chegado até aqui.

Aos que amo (irmãos, amigos, familiares), agradeço por sempre terem estado ao meu lado me auxiliando e apoiando.

Devo agradecimentos aos meus clientes, que têm modelado meus comportamentos de terapeuta e me instigado, cada vez mais, a buscar o conhecimento.

Agradeço ao Felipe, ao Iran e à Jordana, pela convivência adorável no curso do mestrado.

Sou grata pela cooperação da equipe de profissionais do CAPS. Sem o apoio dessas pessoas, provavelmente, este estudo não teria sido realizado.

Também agradeço à participante que aceitou tomar parte na realização deste trabalho e, portanto, colaborou com minha aprendizagem.

Agradeço, ainda, ao Prof. Dr. Lorismário Ernesto Simonassi e ao Prof. Dr. Lauro Eugênio Guimarães Nalini, pelos valiosos comentários em minha qualificação, os quais contribuíram, decisivamente, para o aprimoramento deste trabalho.

Devo agradecimentos à Profa. Dra. Maria Amália Andery por ter aceito o convite para compor esta banca, assim compartilhando seus conhecimentos conosco.

Agradeço ao Felipe Epaminondas, bem como ao Guliver Nogueira, pela disponibilidade em me ensinar a maneira de elaborar as figuras.

Sou grata a Suzana Oellers, pela tradução do resumo do português para o inglês e pela revisão técnica do texto.

Também agradeço a Gina Nolêto Bueno, sempre presente em minha história pessoal e acadêmica, acompanhando meus passos de maneira carinhosa e significativa. Você tem adicionado atos de amizade aos muitos já praticados. A você: obrigada!

Finalmente, expresso agradecimento à Profa. Dra. Ilma A. G. S. Britto, minha orientadora, que tem influência direta sobre grande parte do que aprendi sobre a análise do comportamento. Obrigada por ter aceito o desafio de abraçar junto comigo este trabalho. Também agradeço pelas orientações cuidadosas, sem medida de esforços da sua parte. Você me ensinou muito e, adicionalmente, tornou meu aprendizado muito reforçador. Entre tantas coisas, você me ensinou a respeitar os dados e, possivelmente, por isso, nos foi possível a finalização deste trabalho.

RESUMO

O presente estudo objetivou analisar funcionalmente o comportamento verbal de uma pessoa esquizofrênica, que se encontrava em tratamento especializado em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), fazendo uso de uma metodologia de análise funcional. A participante era do sexo feminino, diagnosticada com esquizofrenia simples, 27 anos de idade à época, natural do estado da Bahia, solteira, primeiro grau incompleto, de nível socioeconômico baixo e com histórico de internação em várias instituições. Para essa finalidade foi empregado o delineamento de múltiplas condições com três condições principais: condição atenção (A), condição sozinha (S) e condição controle (C). A condição (A) incluiu quatro subcondições: (A1) atenção, contato olho a olho (a fala inapropriada foi seguida por 10 segundos de contato olho a olho); (A2) atenção, contato físico (a fala inapropriada foi seguida por 10 segundos de contato físico); (A3) atenção, comentário (a fala inapropriada foi seguida pelo comentário “Fica difícil compreender quando você fala assim”); e (A4) atenção, executar tarefa (o comportamento apropriado foi seguido pela atenção social sob a forma de sinais de aprovação); a condição (S) incluiu duas subcondições: (S1) sozinha, sem demanda (a participante permaneceu na sala na ausência da pesquisadora) e (S2) sozinha, com demanda (a participante permaneceu na sala na ausência da pesquisadora, com demanda); e a condição (C) (a participante permaneceu na sala composta por reforçadores, na presença da pesquisadora, que escrevia em uma folha de papel). Dentro das condições estudadas foi também objeto deste estudo observar alguns comportamentos emocionais da participante, tais como aborrecimento, raiva, prazer, elação, ansiedade, tristeza e alívio inferidos das entonações de sua voz e de suas topografias comportamentais. Os resultados demonstraram que a atenção social manipulada nas diferentes condições exerceu controle sobre o comportamento verbal da participante, o que pode ter funcionado como uma operação motivadora para a ocorrência de suas verbalizações. Demonstraram, ainda, que na condição atenção (A) houve maiores manifestações dos comportamentos emocionais, sendo a raiva a emoção mais frequente, seguida pela elação, enquanto as de menores ocorrências foram prazer e alívio. Esses achados foram discutidos em termos das implicações dos efeitos de uma operação motivadora como componente para a análise funcional do comportamento verbal da participante da presente investigação.

Palavras-chave: comportamento verbal do esquizofrênico; metodologia de análise funcional; atenção social; operação motivadora; comportamento emocional.

ABSTRACT

This study aimed at functionally analyzing the verbal behavior of a person diagnosed with schizophrenia undergoing treatment in a specialized service. The participant is a female, diagnosed with simple schizophrenia, 27 years old, from the state of Bahia, single, incomplete elementary school, low social-economic status, and presenting a history of treatment in several institutions. To control the procedures, we used the design of multiple conditions with three main conditions: condition attention (A), condition alone (S), and condition control (C). Condition (A) was manipulated in four sub-conditions: (A1) attention, eye contact (inappropriate speech was followed by 10 seconds of eye contact); (A2) attention, physical contact (inappropriate speech was followed by 10 seconds of physical contact); (A3) attention, comment (inappropriate speech was followed by the comment "It is difficult to understand when you talk like this"); and (A4) attention, task execution (appropriate speech was followed by social attention in the form of signs of approval); condition (S) was manipulated in two sub-conditions: (S1) alone, without demand (participant remained in the room in the absence of the researcher) and (S2) alone, with demand (participant remained in the room in the absence of the researcher, with demand); and condition (C) (participant remained in the room composed by reinforcers, in the presence of the researcher, who was writing on a sheet of paper). Under the conditions studied, we also aimed at observing some emotional behaviors of the participant, such as annoyance, anger, pleasure, elation, anxiety, sadness, and relief inferred from the intonation of her voice and her behavioral topography. The results demonstrated that the social attention manipulated under the different conditions controlled the participant's inappropriate speech, which may have worked as a motivational operation for the occurrence of her verbalization. They also demonstrated that under condition (A) there were more manifestations of emotional phenomena, and rage (attention, eye contact, and alone, without demands) was the most frequent emotion, followed by elation (attention, comment), whereas the least frequent emotions were pleasure and relief (attention, comment, and eye contact, respectively). These findings are discussed in terms of the implications of the effects of a motivational operation as a component for the functional analysis of the verbal behavior of the participant in the present investigation.

Key words: schizophrenia; functional analysis; social attention; motivational operation; emotional behavior.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Frequência de emissão das falas inapropriadas e apropriadas na subcondição (A1) atenção, contato olho a olho.	57
Figura 2 – Frequência de emissão das falas inapropriadas e apropriadas na subcondição (A2) atenção, contato físico.	58
Figura 3 – Frequência de emissão das falas inapropriadas e apropriadas na subcondição (A3) atenção, comentário.	60
Figura 4 – Frequência de emissão das falas inapropriadas e apropriadas na subcondição (A4) atenção, executar tarefa.	61
Figura 5 – Frequência de emissão das falas inapropriadas e apropriadas na subcondição (S1) sozinha, sem demanda.	62
Figura 6 – Frequência de emissão das falas inapropriadas e apropriadas na subcondição (S2) sozinha, sem demanda.	63
Figura 7 – Frequência de emissão das falas inapropriadas e apropriadas na condição controle (C).	64
Figura 8 – Porcentagem de emissão das falas inapropriadas nas diferentes condições.	65
Figura 9 – Porcentagem de emissão das falas apropriadas nas diferentes condições.	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Condições do delineamento de múltiplas condições.	51
Tabela 2 –	Falas inapropriadas (FI): definição e exemplificação.	53
Tabela 3 –	Categorias e exemplos dos fenômenos emocionais.	55
Tabela 4 –	Frequência e percentual de emissão dos fenômenos emocionais inferidos.	67
Tabela 5 –	Amostra de falas selecionadas na aplicação da subcondição (A1) atenção, contato olho a olho.	89
Tabela 6 –	Amostra de falas selecionadas na replicação da subcondição (A1) atenção, contato olho a olho.	90
Tabela 7 –	Amostra de falas selecionadas na aplicação da subcondição (A2) atenção, contato físico.	91
Tabela 8 –	Amostra de falas selecionadas na replicação da subcondição (A2) atenção, contato físico.	92
Tabela 9 –	Amostra de falas selecionadas na aplicação da subcondição (A3) atenção, comentário.	93
Tabela 10 –	Amostra de falas selecionadas na replicação da subcondição (A3) atenção, comentário.	94
Tabela 11 –	Amostra de falas selecionadas na aplicação da subcondição (A4) atenção, executar tarefa.	95
Tabela 12 –	Amostra de falas selecionadas na replicação da subcondição (A4) atenção, executar tarefa.	96

Tabela 13 – Amostra de falas selecionadas na aplicação da subcondição (S1) sozinha, sem demanda.	97
Tabela 14 – Amostra de falas selecionadas na replicação da subcondição (S1) sozinha, sem demanda.	98
Tabela 15 – Amostra de falas selecionadas na aplicação da subcondição (S2) sozinha, com demanda.	99
Tabela 16 – Amostra de falas selecionadas na replicação da subcondição (S2) sozinha, com demanda.	100
Tabela 17 – Amostra de falas selecionadas na aplicação da condição controle (C).	101
Tabela 18 – Topografia, tom de voz e emoção inferida na subcondição (A1) atenção, contato olho a olho.	102
Tabela 19 – Topografia, tom de voz e emoção inferida na subcondição (A2) atenção, contato físico.	103
Tabela 20 – Topografia, tom de voz e emoção inferida na subcondição (A3) atenção, comentário.	104
Tabela 21 – Topografia, tom de voz e emoção inferida na subcondição (S1) sozinha, sem demanda.	105
Tabela 22 – Topografia, tom de voz e emoção inferida na subcondição (S2) sozinha, com demanda.	106

SUMÁRIO

RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
LISTA DE FIGURAS	x
LISTA DE TABELAS	xi
INTRODUÇÃO	14
Análise funcional do comportamento do esquizofrênico	18
Atenção como operação motivadora	26
Comportamento emocional	38
Objetivos do presente estudo	43
MÉTODO	45
Participante	45
Materiais e ambiente	47
Procedimento	47
RESULTADOS	57
DISCUSSÃO	70
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICES	83
Apêndice A. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	84
Apêndice B. Folha de Registro de Observação	87
Apêndice C. Gravuras	88
Apêndice D. Tabelas com transcrições literais das verbalizações da participante	89
Apêndice E. Tabelas sobre topografias, tom de voz e emoção inferida nas subcondições (A1) atenção, contato olho a olho, (A2) atenção, contato físico, (A3) atenção, comentário, (S1) sozinha, sem demanda e (S2) sozinha, com demanda	102

O COMPORTAMENTO VERBAL DO ESQUIZOFRÊNICO SOB MÚLTIPLAS CONDIÇÕES DE CONTROLE

O trabalho pioneiro de O. R. Lindsley, aluno de doutorado de B. F. Skinner, com a colaboração de H. Solomon, diretor do Metropolitan State Hospital, em Waltham, Massachusetts, entre 1953 e 1965, introduziu as estratégias operantes para o estudo do comportamento de pacientes esquizofrênicos institucionalizados. Para essa finalidade, os pacientes eram colocados em uma sala experimental na qual seus comportamentos eram observados e manipulados. O ambiente físico era assim composto: uma cadeira, um cinzeiro de plástico, uma alavanca que podia ser manuseada mais de 10.000 vezes por hora, além de dispositivos que regulavam a emissão de estímulos discriminativos e reforçadores, tais como: dinheiro, doces, cigarros, entre outros. Os reforçadores eram dispensados de forma contingente à manipulação da alavanca, de acordo com o esquema de reforçamento que estivesse operando. Os resultados demonstraram relação entre o comportamento inapropriado do esquizofrênico e os períodos de pausa, de acordo com os esquemas de reforçamento utilizados: quando sob o controle de reforçamento intermitente em razão fixa, nenhum comportamento inapropriado ocorria; por outro lado, quando o esquema de reforçamento era completado e quando ocorriam pausas no ato de puxar a alavanca, o comportamento inapropriado era exibido (Lundin, 1969/1977; Rutherford, 2003; Staats & Staats, 1966/1973).

Nesse e em outros estudos, Lindsley mudou o reforço para estudar comportamentos diferentes, tais como o altruísmo, em que puxar a alavanca produzia leite para um gatinho faminto, ou o interesse homo e heterossexual, em que o reforço era constituído por corpos artísticos masculinos e femininos nus. Em outro trabalho, investigou os efeitos de drogas, como a iproniazide, na redução do comportamento vocal

*O título da presente pesquisa faz referência ao delineamento experimental empregado nesta, o de múltiplas condições de controle. Nesta pesquisa não foi trabalhado o conceito de causação múltipla.

alucinatório, bem como no aumento do comportamento de puxar a alavanca. Assim procedendo, verificou que as sessões de terapia conduzidas por uma estudante de enfermagem foram mais efetivas que 100 mg de iproniazide para conseguir que um esquizofrênico crônico respondesse adequadamente (Reese, 1966/1976; Rutherford, 2003).

Já Ayllon e Michael (1959) aplicaram um procedimento de extinção para modificar o comportamento verbal de uma paciente interna em hospital psiquiátrico. Essa paciente apresentava conversa inapropriada com frequência alta, a ponto de ter se tornado aversiva aos demais pacientes, os quais, na tentativa de controlar sua fala, a agrediam fisicamente. Essa interna verbalizava ter um filho ilegítimo e estar sendo perseguida por um homem, apontado por ela como o pai biológico da criança.

Primeiramente, os pesquisadores realizaram observações (com 30 minutos de duração) para medir a frequência do repertório verbal apropriado e inapropriado da paciente. Então, verificaram que a atenção dispensada pelas enfermeiras era responsável por manter suas falas inapropriadas. Para intervir nesta classe comportamental, foi aplicado um procedimento de extinção em que as enfermeiras foram instruídas a ignorar as falas inapropriadas e, por outro lado, deveriam reforçar as falas apropriadas da paciente. Caso um paciente entrasse em luta com ela, as enfermeiras deveriam apartar a briga sem emitir comentário algum. Os resultados apontaram que, por volta da 10ª semana, as falas inapropriadas estavam consideravelmente reduzidas. Porém, a emissão de falas inapropriadas voltou a aumentar quando da chegada de uma assistente social à equipe multiprofissional, que passou a dispensar atenção social à paciente (Ayllon & Michael, 1959).

Posteriormente, Ayllon (1963) demonstrou o efeito do reforço positivo para modificar o comportamento de uma mulher esquizofrênica, de 47 anos, que, entre outras inadequações comportamentais, usava uma quantidade de roupas excessiva:

aproximadamente 11,5 kg. Para intervir nessa classe comportamental, foi colocada uma balança na entrada do refeitório do hospital, frequentado pela paciente. Então, foi estabelecido que para entrar e receber o reforço – alimento –, ela teria de reduzir o peso de suas roupas. Inicialmente, foi permitido um excesso de peso de 10,5 kg, portanto, 1 kg a menos em seu peso habitual de roupas. Entretanto, quando não cumpria o peso estipulado, a paciente perdia a refeição referente ao momento em que estava sendo pesada. De forma gradativa, a paciente foi se desfazendo de peças que compunham seu vestuário, tais como: 18 pares de meia que usava em determinada ocasião, além de bolsas, xales, entre outras. Ao término do estudo, o peso de suas roupas correspondia a 1,5 kg.

Ainda na década de 1960, Ayllon e Haughton (1964) utilizaram reforçamento positivo e extinção para modificar o comportamento verbal inapropriado de uma pessoa do sexo feminino, diagnosticada como esquizofrênica crônica. Por intermédio da análise do comportamento verbal dessa mulher, descreveram duas classes de respostas verbais: inapropriadas, que abarcavam referências à família real; e neutras, que diziam respeito a qualquer temática. Para estudar essas classes comportamentais, as respostas inapropriadas foram seguidas de reforçamento positivo (a intervalos de 3 minutos): ao ouvir suas declarações inapropriadas, os experimentadores interagiam com ela, ora dando-lhe atenção, ora oferecendo-lhe um cigarro, ora acendendo seu cigarro, entre outros reforços.

Com relação à classe de respostas neutras, foi aplicado o processo de extinção: os experimentadores suspendiam os cigarros e qualquer forma de atenção social. Os resultados desse estudo apontaram que a frequência das respostas inapropriadas aumentou cerca de duas vezes em relação à frequência obtida na linha de base. Ao inverter as contingências, ou seja, quando o experimentador aplicou o reforçamento à classe de respostas neutras e a extinção à classe de respostas inapropriadas, as frequências das

respostas inapropriadas foi reduzida, enquanto a frequência das respostas neutras aumentou (Ayllon & Haughton, 1964).

Embora esses trabalhos tenham alcançado relevância na aplicação da ciência do comportamento e tenham atraído pesquisadores interessados em estudar classes comportamentais de esquizofrênicos institucionalizados, nas décadas seguintes houve uma diminuição de estudos nesta linha. Parte da justificativa a essa redução é atribuída à revolução farmacológica e ao subsequente financiamento a esta nova ordem de pesquisa (Rutherford, 2003).

Com base em uma análise dos artigos publicados em vários periódicos, tais como *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA), *Journal of the Experimental Analysis of Behavior* (JEAB) e *Behavior Research and Therapy*, Martone e Zamignani (2002) apontaram quão escassos são os estudos com intervenções em esquizofrênicos nas décadas de 1980 e 1990.

Em contrapartida, nessas mesmas décadas, Iwata, Dorsey, Slifer, Bauman e Richman (1982/1994) inovaram a metodologia de análise funcional com o objetivo de estudar as condições antecedentes e consequentes de comportamentos de autoinjúria em nove participantes, os quais apresentavam atraso no desenvolvimento. Com essa finalidade, foi utilizado um procedimento compreendido por quatro condições distintas: atenção, demanda, controle e sozinho. Em uma condição denominada reprovação social, foi dispensada atenção social, como por exemplo, “Não faça isso, você vai se machucar.”, contingente ao comportamento de autoinjúria. Na condição demanda acadêmica, foi apresentada uma tarefa com instruções difíceis, a qual era interrompida quando da ocorrência do comportamento de autoinjúria. A condição controle abarcou sessões nas quais o participante em questão era deixado sozinho em uma sala, sem demandas, intercaladas com sessões em que o participante tinha acesso a seus objetos ou brincadeiras

preferidos. Já na condição sozinho, o participante permanecia sozinho na sala sem acesso a brinquedos ou quaisquer outros materiais.

Os resultados desse estudo comprovaram que o comportamento de autoinjúria apresentado pelos participantes, diagnosticados também com retardo mental, foi muito mais influenciado pelas consequências da atenção social e demanda que pelas condições sozinho e controle (Iwata et al., 1982/1994).

Outros estudiosos utilizaram essa mesma metodologia de análise funcional, proposta por Iwata et al. (1982/1994), para estudar empiricamente os antecedentes e os consequentes que envolvem o comportamento verbal de pessoas esquizofrênicas.

Análise funcional do comportamento do esquizofrênico

Entre os vários estudos realizados para demonstrar empiricamente as variáveis que antecedem e mantêm vocalizações inapropriadas emitidas por pessoas com diagnóstico de esquizofrenia, merecem destaque os de Dixon, Benedict e Larson (2001), Wilder, Masuda, O'Connor e Baham (2001) e DeLeon, Arnold, Rodriguez-Catter e Uy (2003). Em cada um desses, foram utilizados dois delineamentos experimentais: o de múltiplas condições e o de reversão. As condições manipuladas no delineamento de múltiplas condições, nos três estudos, são descritas a seguir.

1) Atenção: fornecida em decorrência das vocalizações inapropriadas e disponibilizada em cada estudo de maneira peculiar. Contato ocular: o pesquisador estabelecia contato ocular, inclinava-se para a frente, na cadeira, e verbalizava algo relacionado à vocalização inapropriada (Wilder et al., 2001). Comentário: os pesquisadores assim comentavam: “Você sabe que não deve dizer coisas como estas.” (Dixon et al., 2001) e “Isto não faz sentido!” (DeLeon et al., 2003). Comentário relacionado: perante as verbalizações do participante, o pesquisador fazia declarações mínimas com conteúdo

inapropriado, enquanto na condição comentário não relacionado, o pesquisador fazia declarações mínimas com conteúdos apropriados diante de verbalizações do participante (DeLeon et al., 2003).

2) Demanda: o pesquisador pedia para o participante realizar tarefas simples. Na ocorrência de vocalizações inapropriadas, o pesquisador no estudo de Wilder et al. (2001) verbalizava: “OK. Isto pode ser muito estressante para você. Faça uma pausa.” e provia 30 segundos de pausa do trabalho. Já no estudo de Dixon et al. (2001), o pesquisador provia 10 segundos de fuga da tarefa, enquanto no estudo de DeLeon et al. (2003), era permitido ao participante parar a atividade por 30 segundos.

3) Sozinho: essa condição foi aplicada nos estudos de Dixon et al. (2001) e de Wilder et al. (2001). Nela, o participante era deixado sozinho na sala experimental.

4) Ignorar: no estudo de DeLeon et al. (2003), o pesquisador permanecia na sala com o participante, porém não interagia com ele.

5) Controle: contingente às vocalizações apropriadas do participante, o pesquisador respondia com frases completas e contato ocular. Quando da emissão de vocalizações inapropriadas, o pesquisador retirava o contato ocular e não respondia ao participante durante 10 segundos (Wilder et al., 2001). Nessa condição, os pesquisadores dos estudos de Dixon et al. (2001) e de DeLeon et al. (2003) liberavam atenção não-contingente a cada 30 segundos, enquanto o participante estava exposto às suas atividades preferidas. As vocalizações inapropriadas eram ignoradas.

Os resultados apontaram que as vocalizações inapropriadas ocorreram em níveis mais elevados durante a condição atenção em comparação com os níveis das vocalizações inapropriadas ocorridos nas outras condições (Dixon et al., 2001; Wilder et al., 2001; DeLeon et al., 2003).

Com relação ao delineamento de reversão utilizado nessas pesquisas, nas intervenções, foi aplicado o procedimento de extinção e de reforçamento diferencial de respostas alternativas (DRA), contingente à emissão de vocalizações inapropriadas e apropriadas, respectivamente. Um diferencial em relação aos estudos de Dixon et al. (2001) e de Wilder et al. (2001) pode ser verificado na pesquisa de DeLeon et al. (2003), na qual a atenção, disponibilizada de forma contingente às vocalizações apropriadas, redirecionava tais vocalizações para outros temas. Assim, o pesquisador verbalizava: “Hoje não está um dia bom?”. Os resultados apontaram diminuição significativa das vocalizações inapropriadas durante as fases de intervenção, bem como aumento das vocalizações apropriadas (Dixon et al., 2001; Wilder et al., 2001; DeLeon et al., 2003).

A partir desses achados, é possível concluir que as vocalizações inapropriadas apresentadas por pessoas diagnosticadas com esquizofrenia podem ser mantidas pela atenção social. Porém, é relevante destacar importante questão salientada no estudo de Lancaster, LeBlanc, Carr, Brenske, Peet e Culver (2004), e também observada na pesquisa de Britto, Rodrigues, Santos e Ribeiro (2006), sobre a possibilidade de os pesquisadores comportamentais serem tendenciosos ao associar a função social às vocalizações inapropriadas, haja vista que a literatura psiquiátrica, em contraponto a essas pesquisas, adverte acerca da existência de causas biológicas para os transtornos associados a falas inapropriadas.

Com o propósito de refinar tal questão, Lancaster et al. (2004) realizaram um estudo com quatro participantes diagnosticados com retardo mental e esquizofrenia, no qual aplicaram a análise funcional para melhor investigar a relação entre a atenção social e as falas inapropriadas. Para dois dos participantes, foi disponibilizada atenção em consequência a suas falas inapropriadas, enquanto para os outros dois, não foi disponibilizada atenção após este tipo de fala. Os achados desses pesquisadores mostraram

que a atenção contingente às falas inapropriadas aumentou sua ocorrência, ao passo que a atenção não-contingente a elas reduziu sua frequência.

Nesse mesmo direcionamento, Miranda (2005) conduziu uma pesquisa em um contexto psiquiátrico com uma pessoa do sexo feminino, de 57 anos, diagnosticada com esquizofrenia crônica e retardo mental. A participante tinha registro de várias internações em instituições psiquiátricas depois de ter sido estuprada, aos 18 anos, quando passou a apresentar delírios. Nessas instituições, comentavam que ela havia cometido homicídio, fato não evidenciado. A partir de observações diretas e entrevistas com a equipe de profissionais da instituição, a pesquisadora constatou o repertório comportamental da participante e selecionou as seguintes classes comportamentais para sofrer intervenção: a) manter contato olho a olho com as pessoas; b) permanecer cabisbaixa, isolada, enrolada no cobertor, sentada no banco do pátio, por horas; c) dar tapas, empurrar pessoas e fazer ameaças; d) recusar-se a participar de qualquer atividade; e) ocupar-se com alguma atividade durante o tempo livre; f) beber água com o uso de copo; e g) interagir socialmente com seus pares.

Para cada uma das classes comportamentais selecionadas, foi aplicado o delineamento de reversão do tipo ABAB seguido de *follow-up*. Assim, ao ser completado o delineamento para uma classe comportamental, repetia-se o procedimento para a classe comportamental seguinte e, assim, sucessivamente. Após o estabelecimento da fase de linha de base (A), foram programadas intervenções (B) por meio de procedimentos de modelagem, reforçamento positivo e extinção. Depois de um mês, foi realizado o *follow-up* (Miranda, 2005).

Os resultados do estudo mostraram que os procedimentos utilizados na intervenção produziram modificações consideráveis nas classes de comportamentos-problema da participante. Gradativamente, houve aumento na frequência de ocorrência dos

comportamentos apropriados, tais como: manter contato olho a olho com as pessoas, beber água com o uso de copo, interagir socialmente com seus pares (chegando a bater palmas ao ritmo de uma música) e executar atividades, como desenhar, para ocupar-se em seu tempo livre. Também pôde ser observada diminuição dos comportamentos inapropriados, como: permanecer isolada, agredir a outrem (inclusive, passou a pernoitar com as demais internas no mesmo alojamento) e recusar-se a participar de atividades (a participante passou a integrar-se às atividades programadas) (Miranda, 2005).

Também Silva (2005), por meio de um delineamento de reversão do tipo ABAB seguido de *follow-up*, realizou pesquisa em uma instituição psiquiátrica, com uma pessoa do sexo feminino, de 38 anos, esquizofrênica e com histórico de várias internações desde a adolescência. As classes de comportamentos-problema selecionadas para sofrer intervenção, extraídas a partir de observações diretas e entrevistas com a equipe de enfermagem, foram: a) agarrar ou unhar os braços das pessoas; b) varrer o pátio ou executar atividades requeridas na instituição; c) executar uma atividade para ocupar-se em seu tempo livre; d) reduzir os mandos “Dá pamonha.”; e (e) aumentar as falas sobre si.

Nas fases da linha de base (A), não foram disponibilizados reforçadores, enquanto nas fases de intervenção (B), os comportamentos adequados foram reforçados com potenciais reforçadores e os comportamentos inadequados, submetidos à extinção. Após um mês, foi efetuado o *follow-up* (Silva, 2005).

Os dados desse estudo apontaram aumento na frequência de ocorrência dos comportamentos apropriados, como varrer o pátio da instituição ou limpar a mesa e executar uma atividade lúdica, como desenhar, para o preenchimento do tempo livre. Também indicaram diminuição de comportamentos inapropriados, como agarrar ou unhar os braços das pessoas e emitir mandos por pamonha (Silva, 2005).

Outro estudo que pesquisou a influência do reforço social sobre o comportamento verbal inapropriado de uma pessoa esquizofrênica foi o de Britto et al. (2006). O participante foi uma pessoa do sexo masculino, de 49 anos, que havia sido diagnosticada como esquizofrênica crônica por 29 anos. Uma das intervenções feitas com o participante foi pedir que elaborasse redações manuscritas. Para a execução dessa tarefa, foi oferecido um modelo: as auxiliares de pesquisa, de posse de uma revista ou jornal, comentavam determinado assunto trazido pelo veículo de comunicação. As palavras ou frases escritas com conteúdos apropriados e inapropriados eram reforçadas socialmente ou ignoradas, respectivamente, pelas pesquisadoras. Os resultados desse estudo demonstraram importante aumento dos caracteres apropriados nas redações escritas pelo participante, assim como redução dos inapropriados. As autoras concluíram que o comportamento inapropriado do participante foi controlado, via intervenção, pelo reforço social combinado com a extinção.

Acompanhando esta linha de pesquisa, Santos (2007) investigou a relação entre três intervenções alternadas na avaliação do comportamento verbal de uma pessoa do sexo masculino, de 55 anos, diagnosticada com esquizofrenia. Em todas as intervenções, estabeleceu-se o reforçamento social para as falas apropriadas. A primeira intervenção compreendeu a suspensão da atenção social para as falas inapropriadas. Já a segunda, consistiu na análise funcional dos conteúdos das falas inapropriadas, quando foi investigada a relação funcional dos elementos contidos nas falas do participante. E a terceira, objetivou a aplicação do treinamento de habilidade verbal direcionado para a promoção do comportamento verbal caracterizado como apropriado. Por meio de fornecimento de instruções, ensaio comportamental, reforçamento diferencial, modelação e retroalimentação, foram fornecidas formas alternativas para o sujeito se expressar verbalmente.

Os dados apontados pelo estudo de Santos (2007) demonstraram que as intervenções utilizadas modificaram o comportamento verbal do participante, uma vez que ficaram evidenciados a diminuição das falas inapropriadas e o aumento das falas apropriadas. Adicionalmente, mostraram que as falas inapropriadas aumentaram gradualmente quando as intervenções deixaram de vigorar e reduziram-se abruptamente quando os procedimentos de intervenção foram reintroduzidos.

Também Santana (2008) e Britto, Rodrigues, Alves e Quinta (no prelo) investigaram o comportamento verbal inadequado de pessoas do sexo masculino, esquizofrênicas. Nesses dois estudos, o comportamento verbal vocal dos participantes foi submetido a quatro condições, tendo sido o mesmo procedimento aplicado em ambos. Apenas na condição demanda, houve uma variação na consequência da não execução da atividade. De forma resumida, pode-se assim descrever esse procedimento: 1) atenção – a fala inadequada era seguida pelo comentário “Você poderia falar de maneira diferente?”; 2) sozinho – o participante era deixado sozinho na sala experimental; 3) atenção não-contingente – a cada 30 segundos, a pesquisadora verbalizava uma frase de uma lista de sentenças previamente escolhidas; e 4) demanda – a pesquisadora instruía o participante acerca de uma atividade a ser executada ali. Quando da recusa em desenvolver a atividade, a pesquisadora: a) pegava em sua mão para ajudá-lo a cumprir a tarefa. Contudo, soltava sua mão e se afastava dele durante mais ou menos 30 segundos a cada ocorrência de falas inapropriadas (Britto et al., no prelo); e b) repetia a instrução de executar a atividade e esperava pelo cumprimento da tarefa (Santana, 2008). Em seguida, houve a inversão dessas condições, empregando-se demanda, atenção não-contingente, sozinho e atenção.

Pelos resultados dos dois estudos, verificou-se que a ocorrência de frequência de falas inapropriadas foi maior na condição atenção, seguida pela condição demanda. Já na condição sozinho, não houve ocorrência de falas inapropriadas. Por outro lado, na

condição atenção não-contingente, a ocorrência de falas apropriadas foi frequente e a de inapropriadas foi praticamente inexistente. Ao intervir nessas classes comportamentais, Santana (2008) e Britto et al. (no prelo) obtiveram os mesmos resultados de Dixon et al. (2001), Wilder et al. (2001), DeLeon et al. (2003), Lancaster et al. (2004) e Britto et al. (2006).

Em seu estudo, Felipe (2009) utilizou a análise funcional para investigar o que controlava o comportamento verbal (relatar ter uma pedra de gelo dentro de sua barriga) e, por conseguinte, o comportamento desorganizado (usar sacos plásticos na região abdominal, amarrados por baixo das vestimentas) apresentado por uma pessoa do sexo feminino, de 51 anos, diagnosticada com esquizofrenia crônica. Como efeito da intervenção realizada, a participante discriminou não ser possível ter uma pedra de gelo dentro de si, assim como pôde discriminar que o que sentia eram arrepios. Como consequência, retirou os sacos plásticos que envolviam seu corpo.

Em se tratando das pesquisas citadas, nota-se que o reforçamento social é comumente empregado, vez que a atenção é um reforçador positivo para a maioria das pessoas, e inclui: “(...) tapinhas nas costas e abraços, elogios, acenos, sorrisos e até mesmo um simples olhar ou outra indicação de atenção social.” (Martin & Pear, 2007/2009, p. 42).

De modo mais específico, ao modelar o comportamento verbal de um participante, Greenspoon (1955, citado por Honig, 1975) emitiu reforço social, sob o formato de um leve sinal de aprovação, como um som “mmm-hmm”, contingente às palavras classificadas como substantivos plurais. Ao fazer referência aos sinais de aprovação, Skinner (1957/1978) afirmou que, por estes precederem reforços específicos a muitos estados de privação, o comportamento que eles reforçam pode ser forte durante grande parte do tempo.

Finalmente, também se pode notar, nos estudos citados, que os comportamentos-problema emitidos por pessoas esquizofrênicas foram observados em ambientes institucionais para a medida de respostas claramente definidas. Também o controle de contingências, envolvendo estímulos discriminativos e reforçadores, foi outra medida utilizada para eliminar influências indesejadas. Tudo isso porque, na condução de investigações analítico-comportamentais, sempre são requeridos do pesquisador novos desafios. Assim, o presente estudo não fugiu à regra quando considerou a possibilidade de a atenção social evocar comportamentos-problema por efeito de uma operação motivadora.

Atenção como operação motivadora

Um organismo que está exposto a uma variedade de estímulos atenta a certas propriedades deles a partir de sua história de reforçamento. De acordo com Skinner (1953/2007), “(...) o objeto ‘chama ou mantém a atenção’ do observador.” (p. 135). Ainda segundo o autor, “Atenção é uma relação que controla a relação entre uma resposta e um estímulo discriminativo. Quando alguém presta atenção, está sob controle especial de um estímulo.” (Skinner, 1953/2007, p. 137). Portanto, atentar é comportar-se sob determinado controle de estímulo. E, ao atentar para o estímulo, por sua vez, a pessoa responde a ele. Para demonstrar empiricamente relações como esta, denominadas relações “causa-e-efeito” (aspas do autor), entre ambiente e comportamento, o autor supracitado sugeriu que se recorresse à análise funcional.

Martin e Pear (2007/2009) esclareceram que uma análise funcional se refere à manipulação sistemática de eventos ambientais, com a finalidade de testá-los experimentalmente como antecedentes ou como consequentes que controlam e mantêm comportamentos. Em relação aos antecedentes, deve-se perguntar: quais são os estímulos discriminativos ou os estímulos eliciadores ou as operações estabelecedoras do

comportamento? Já em relação aos consequentes imediatos, faz-se importante indagar que função tem o comportamento para a pessoa: livrar-se dos estímulos aversivos ou obter reforçadores?

Martin e Pear (2007/2009), assim como Smith e Iwata (1997), argumentaram que nos estágios iniciais da aplicação da ciência do comportamento, os analistas comportamentais não deram a devida importância às causas das respostas inapropriadas. Isso era justificado pelo fato de que o manejo das consequências, através de contingências de reforçamento, mostrava-se suficiente para reduzir os comportamentos-problema, independentemente de suas causas. Assim, naquela época, para produzir mudanças no comportamento, era necessário apenas manipular as consequências. Por conseguinte, a influência dos eventos antecedentes foi pouco estudada.

Todavia, tal como ressaltaram Martin e Pear (2007/2009), na década de 1970, alguns analistas de comportamento voltaram-se, também, para as causas do comportamento-problema. “Isso levou ao pioneirismo da metodologia da análise funcional, por Iwata, Dorsey, Slifer, Bauman e Richman (1982), que vários analistas de comportamento proeminentes consideraram como um importante desenvolvimento inovador na área (...)” (Martin & Pear, 2007/2009, p. 461). Com efeito, a atenção social passou a ser estudada, também, como uma possível variável que afeta o comportamento-problema.

Como no âmbito das pesquisas aplicadas, especificamente no campo das condições antecedentes, observa-se que a variável motivacional pode influenciar na ocorrência do comportamento operante (Iwata, Smith, & Michael, 2000; Martin & Pear, 2007/2009), no presente estudo a atenção social foi descrita como uma operação motivadora que evoca comportamentos-problema.

Michael (1982) forneceu a base conceitual para que os analistas comportamentais pudessem teorizar sobre o tópico da motivação nas pesquisas da análise do comportamento. Ele enfocou não apenas as funções discriminativas dos estímulos antecedentes, como também suas funções motivacionais. Sobre a história e a extensão do tratamento dado às operações motivacionais dentro da análise do comportamento, Keller e Schoenfeld (1950/1973) utilizaram pela primeira vez o termo operações estabelecadoras para diferenciar os efeitos motivacionais dos efeitos reforçadores dos estímulos. Embora Skinner (1953/2007) e Millenson (1967) não tenham usado o termo operação estabelecadora para tratar do conceito de motivação em suas obras clássicas, esse foi o tratamento dado por eles para as variáveis motivacionais como controladoras do comportamento. Nessas duas obras, estas variáveis foram tratadas como variáveis ambientais em termos de privação, saciação e estimulação aversiva.

Com base nessa perspectiva, o presente estudo enfatiza trabalhos que utilizaram delineamento de múltiplas condições envolvendo várias condições experimentais, em que a atenção social, por efeito de uma operação motivadora, pode ter adquirido valor reforçador para a ocorrência de falas inapropriadas de pessoas com diagnóstico de esquizofrenia. Isso foi estudado por pesquisadores que manipularam várias condições de atenção em decorrência de comportamentos-problema mantidos pela atenção social que estes evocaram.

Michael (1982, 1993) separou funcionalmente a função evocativa e a alteradora de função das operações estabelecadoras. Uma relação comportamental é evocativa quando uma mudança no ambiente produz uma mudança na frequência de um tipo de comportamento enquanto a nova condição persistir. Uma relação pode ser denominada alteradora de função quando um evento ambiental altera o repertório do organismo de modo permanente em uma relação funcional entre o ambiente e o comportamento. Ao

diferenciar as variáveis motivacionais dos estímulos discriminativos, Michael (1993) esclareceu que variáveis motivacionais estão relacionadas à eficácia reforçadora diferencial de eventos ambientais, ao passo que variáveis discriminativas estão relacionadas à disponibilidade diferencial de uma forma efetiva de reforçamento diante de um determinado tipo de comportamento.

Consideremos o seguinte exemplo: estar diante de uma máquina de venda automática de refrigerante pode ocasionar, em uma pessoa propensa a tomar refrigerante, a resposta de procurar por uma moeda. Nesse sentido, a máquina é um estímulo discriminativo que sinaliza a consequência: obter refrigerante. Com relação à moeda, a máquina não é um estímulo discriminativo que aumenta a probabilidade de encontrar moeda na carteira. A moeda poderia ser encontrada independentemente da presença da máquina. Entretanto, a máquina é uma variável motivacional que exerce efeitos sobre o comportamento, porquanto torna a moeda uma consequência reforçadora para olhar na carteira (Michael, 1982; Catania, 1998/2008).

Ainda com a proposta de diferenciar o efeito evocativo e o efeito alterador de função do estímulo, é relevante mencionar a estimulação aversiva salientada por Michael (1982) como exemplo de operação motivadora. Na concepção do autor, em se tratando de controle discriminativo, a estimulação aversiva deveria ser, necessariamente, correlacionada a uma resposta de fuga contingente ao estímulo. A partir dessa perspectiva, a presença de estimulação dolorosa seria, portanto, condição necessária para remover a dor (Michael, 1988). Contudo, o autor advertiu, em contrapartida a essa explanação, que ainda que se tratasse de uma condição necessária, a presença de dor não é condição suficiente para que a dor seja removida. Explicitado de outro modo, só porque o organismo está com dor, isto não significa que algumas formas de reduzi-la estejam disponíveis. Assim sendo, de acordo com Michael (1982), é acertado afirmar que a estimulação aversiva “(...) produz

um aumento na probabilidade de comportamentos que têm sido previamente reforçados com a terminação de tal estímulo.” (p. 348).

É preciso, pois, distinguir entre operação de controle de estímulo e operação motivadora. Na primeira, o estímulo discriminativo ocasiona determinada resposta que levará a um determinado reforçador, enquanto na segunda, o evento motivador aumenta temporariamente o valor reforçador de determinada consequência, assim como a probabilidade de ocorrência de comportamentos que, anteriormente, levaram a tal reforçador (Catania, 1998/2008; Martin & Pear, 2007/2009).

Pode-se concluir que em ambas as operações, respostas são ocasionadas e/ou evocadas. Todavia, para o estímulo discriminativo adquirir “(...) a função evocativa é preciso a presença de algum estímulo cujo valor reforçador já esteja estabelecido, e para isso é imprescindível a presença de uma operação estabelecidora.” (Ravagnani & Sérgio, 2006, p. 127). Ressalta-se que a operação estabelecidora foi pré-requisito para o valor reforçador adquirido por uma consequência (Miguel, 2000).

Durante duas décadas, os analistas do comportamento utilizaram o termo operações estabelecedoras para se referir aos eventos ambientais que influenciavam os efeitos comportamentais dos eventos antecedentes. É comum que os autores contemporâneos optem por manter a terminologia operações estabelecedoras ao abordar o tema motivação. No entanto, no presente estudo, optou-se por utilizar o termo operações motivacionais em decorrência do artigo de Laraway, Snyckerski, Michael e Poling (2003), com destaque para Jack Michael, precursor do tema operação motivacional dentro da análise do comportamento, com o intuito de manter a proposta da revisão do termo de operações estabelecedoras para operações motivacionais.

De modo mais específico, Michael (1982, 1993) propôs a hipótese de que as operações motivacionais têm dois efeitos simultâneos e independentes sobre as ações de

um organismo. Primeiro, uma operação motivacional pode alterar o efeito reforçador de um estímulo. Tal fenômeno pode ser ilustrado no exemplo dado por Skinner (1953/2007): “(...) a probabilidade de beber torna-se muito alta sob privação severa de água e muito baixa sob saciação excessiva. (...) se a privação for alterada, a probabilidade simplesmente move-se na direção de um ou de outro.” (p. 155). Tal como observaram Cunha e Isidro-Marinho (2005), essas operações motivacionais – de privação e saciação – atuam em direções opostas. Segundo, uma operação motivacional tem a função evocativa, no sentido de aumentar comportamentos que tenham sido previamente reforçados pelo estímulo (Michael, 1982, 1993). Exemplificando, “(...) a privação de água aumenta a frequência de ocorrência de todos os comportamentos condicionados e incondicionados relacionados à ingestão de água.” (Skinner, 1953/2007, p. 156). Cumpre destacar que a privação implica acesso limitado a qualquer condição de estímulo: água, alimento ou, inclusive, interações sociais (Cunha & Isidro-Marinho, 2005).

No entanto, como se pode notar, operações como as de privação de água são condições que alteram momentaneamente a efetividade da água, a qual, como consequência de uma resposta, adquire função reforçadora (Miguel, 2000). Em outras palavras, uma operação motivacional funciona como variável que altera temporariamente a eficácia dos reforçadores e, assim, tem efeitos sobre os comportamentos por ela controlados (Michael, 1982, 1993). Por conseguinte, tais operações mudam a efetividade das consequências do comportamento (como um reforçador ou como um punidor), mudando a probabilidade do comportamento por elas evocado (Catania, 1998/2008).

Michael (1993) distinguiu, ainda, as operações motivacionais incondicionadas (de origem filogenética) das condicionadas (de origem ontogenética) com base no efeito motivacional do reforço – seja o efeito de diminuir ou de aumentar momentaneamente a eficácia da função de reforçador. Nas primeiras, a função de reforçador do evento é inata,

como por exemplo, alimentos, redução de estímulos aversivos, entre outros, enquanto nas últimas, a função de reforçador é aprendida. Por outro lado, em ambas, o efeito evocativo, que se refere ao repertório comportamental apresentado, é aprendido.

Imprescindível observar que a variável motivacional pode ser tratada como variável independente. Portanto, é passível de ser manipulada experimentalmente (Keller & Schoenfeld, 1950/1973), o que implica, tal como afirmou Cunha (2001), executar algumas operações sobre o organismo. A fim de ilustrar o papel da variável motivacional sobre o comportamento, cumpre lembrar Skinner (1953/2007), que demonstrou ser falsa a afirmação de que é propriedade do homem somente levar um cavalo até a água, porquanto fazê-lo bebê-la é propriedade do cavalo. O autor, acertadamente, concluiu que basta privar o cavalo de água por alguns tempos (operação motivacional) e ele a beberá.

A partir dessa perspectiva, torna-se notória a importância das operações motivacionais em pesquisas que utilizam metodologias de análises funcionais, as quais, por sua vez, buscam os eventos que causam e mantêm comportamentos-problema (Iwata et al., 1982/1994; Iwata et al., 2000; Michael, 2000). Deve-se observar que uma operação motivacional é de fundamental importância na relação de contingência (antecedente – comportamento – consequência), podendo ser esta considerada como mais um elemento desta relação, haja vista que a eficácia da consequência é alterada pela operação motivacional, pois é esta “(...) que estabelece o valor do reforço e evoca comportamentos relacionados historicamente com esse reforço.” (Cunha & Isidro-Marinho, 2005, p. 38). A partir do estudo empírico do controle motivacional sobre o comportamento, pode-se prever e controlar o comportamento, o que permite, de certa forma, ampliar tecnologias comportamentais (Cunha, 2001).

Os primeiros estudos de uma metodologia de análise funcional para a compreensão das condições que produzem e mantêm comportamentos-problema foram desenvolvidos

por Iwata et al. (1982/1994) para estudar o comportamento de autoinjúria de participantes com atraso no desenvolvimento. De modo mais específico, reforçamento positivo era disponibilizado em forma de atenção social contingente ao comportamento-problema em uma condição definida como atenção. Para o reforçamento negativo, uma tarefa com instruções difíceis era apresentada, a qual era interrompida quando o comportamento-problema ocorresse, sendo esta condição chamada de demanda. Como condição de controle, o participante era deixado sozinho em uma sala sem nenhuma instrução, situação esta intercalada com sessões em que eram disponibilizados objetos preferidos ou brincadeiras, mas sem demandas.

De acordo com Wacker (2000), a metodologia de investigação proposta por Iwata et al. (1982/1994) consistia em uma série de condições distintas, dentro das quais, operações motivadoras e reforçadores eram manipulados para cada tipo de variável hipotetizada. Desse modo, ao operar com possíveis condições motivadoras, esse enfoque da análise funcional evocava comportamentos-problema. Tudo isso se justificava na busca do entendimento do que mantinha comportamentos-problema examinando-os sob os efeitos de múltiplas condições de controle. Essas estratégias foram utilizadas na metodologia de análise funcional de comportamentos-problema, considerados os mais severos (Britto, 2009).

Entre os inúmeros estudos realizados com o enfoque de análise funcional, ficou evidenciado que comportamentos-problema foram mantidos pela atenção social. Ainda que dispendioso, esse enfoque de análise funcional se converteu em um importante marco para assegurar uma avaliação mais adequada das aplicações da ciência do comportamento na busca das causas ambientais do comportamento-problema, em oposição a causas fisiológicas internas, sempre evocadas e nunca comprovadas (Thompson & Iwata, 2005; Britto, 2009).

Dados oriundos do estudo de Berg et al. (citados por Iwata et al., 2000), em que a atenção atuou como reforçador, apontaram que a exposição a uma operação motivacional, em uma dada condição experimental, influenciava o comportamento-alvo em condições subsequentes. Três participantes foram submetidos às seguintes condições experimentais: a) a atenção foi disponibilizada de forma contingente ao comportamento-problema; b) a atenção foi retida; e c) a atenção foi dada como uma opção em um arranjo de escolhas simultâneas. Os resultados indicaram que o comportamento de interesse ocorreu em níveis altos nessas condições quando era precedido por uma condição na qual a atenção não estava disponível. Em contraste, ao ser precedido por uma condição na qual a atenção foi entregue com frequência, o comportamento de interesse ocorreu em níveis baixos.

Nessa perspectiva, Fischer, Iwata e Worsdell (1997) conduziram análises funcionais acerca do comportamento de autoinjúria de 36 indivíduos encaminhados a uma instituição para tratamento deste tipo de comportamento-problema. Todos os indivíduos foram expostos a uma série de condições (atenção, demanda, sozinho e jogo), tendo apenas três destas condições sido relevantes para a análise da influência de: a) presença de operação motivadora e de contingência de reforçamento (condição atenção); b) presença de operação motivadora e ausência de contingência de reforçamento (condição sozinho); e c) ausência de operação motivadora e de contingência de reforçamento (condição de jogo).

Os resultados indicaram que o comportamento de autoinjúria foi mantido pela atenção social, portanto ocorrendo mais frequentemente na condição de atenção, na qual os indivíduos foram privados dela (operação motivadora), exceto quando a atenção era disponibilizada contingente à ocorrência do comportamento de autoinjúria. Já na condição sozinho, em que o indivíduo foi privado de atenção (operação motivadora) e da consequência reforçadora, foram produzidos aumentos leves no comportamento de autoinjúria de cinco dos participantes, assim demonstrando que a mera presença de uma

variável motivacional pode influenciar o comportamento. Na condição de jogo, foram observados níveis mais baixos de comportamento de autoinjúria para 31 dos 36 participantes, condição esta em que foi disponibilizada atenção não-contingente em um tempo fixo (duas vezes por minuto) sendo o comportamento de autoinjúria ignorado (Fischer et al., 1997).

Outro aspecto importante a ser considerado foi abordado por Dougher e Hackbert (2000). De acordo com os autores, não somente eventos momentâneos funcionam como operações motivacionais, tal como foi colocado por Michael (1993), mas também os eventos ambientais temporalmente distantes, como perda de um grande amor, abuso sexual, trauma, entre outros, os quais eliciam fortes emoções e, por sua vez, alteram o efeito reforçador ou punidor de eventos a longo prazo. Ressalta-se, contudo, que esse não trata-se de um ponto de vista adotado pelos analistas de comportamento de modo unânime (M. A. P. A. Andery, comunicação pessoal, 09 de abril de 2010).

Diante do exposto, faz-se necessário analisar as operações motivacionais que têm funções sobre os comportamentos verbais inapropriados de pessoas diagnosticadas como esquizofrênicas, os quais podem ser produzidos por ambientes caracterizados como pouco responsivos. A escassez de contatos sociais próprios de ambientes dessa natureza pode exercer papel de operação motivadora que altera a efetividade da atenção social tornando-a um potente reforçador. Por sua vez, essa operação também atua no processo de produção de comportamento, o que pode ser constatado pelo fato de o indivíduo se engajar no comportamento-problema e, com efeito, obter a atenção por parte de terceiros.

Estudos realizados com indivíduos diagnosticados com esquizofrenia, em que foram manipuladas várias condições de atenção, demonstraram que a variável atenção pode ter funcionado como uma operação motivadora para as ocorrências de falas inapropriadas. Como exemplo, podem ser mencionados os estudos de Dixon et al. (2001),

Wilder et al. (2001), DeLeon et al. (2003), Lancaster et al. (2004), Britto et al. (2006), Santana (2008) e Britto et al. (no prelo), entre outros. Quando foram programados procedimentos para eliminar comportamentos-problema com a estratégia de retirada da atenção social, houve importante diminuição na ocorrência dessas falas.

Conforme Hanley, Iwata e McCord (2003), essa abordagem de avaliação tem sido útil na identificação de contingências de reforço que mantêm comportamentos-problema, sendo replicada em centenas de estudos, em sua maioria encontrados no *Journal of Applied Behavioral Analysis*. Por sua vez, Camp, Iwata, Hammond e Bloom (2009) acrescentaram que, além de fornecer informações úteis sobre os determinantes do comportamento, o resultado de uma análise funcional facilita o desenvolvimento de intervenções para os excessos comportamentais por meio de programas individualizados de tratamento.

Excessos comportamentais podem ser mantidos pela atenção social que os evocam. Entre os indicadores de que o comportamento está sendo mantido por atenção social, Martin e Pear (2007/2009) sugeriram: a) o fato de a atenção seguir-se coerentemente ao comportamento; b) o fato de o indivíduo olhar para ou se aproximar da pessoa encarregada antes de se engajar no comportamento; e c) o fato de o indivíduo sorrir logo antes de engajar-se no comportamento. As co-ocorrências desses três eventos permitem afirmar que o comportamento pode estar sendo mantido pela atenção social.

Parte desses indicadores foi evidenciada nos resultados de Wilder et al. (2001), Santana (2008) e Britto et al. (no prelo), entre outros. A atenção dispensada pelo pesquisador ao estabelecer contato olho a olho, inclinar-se para a frente na cadeira e verbalizar algo relacionado à vocalização inapropriada elevou os níveis dessas vocalizações.

Outros achados foram evidenciados nos estudos de Santana (2008) e Britto et al. (no prelo). Nas manipulações das condições de atenção, as falas inapropriadas eram seguidas por um comentário (“Você poderia falar de maneira diferente?”), demonstrando que a ocorrência da frequência de falas inapropriadas foi maior na referida condição, inclusive com produções de sentenças longas, de até 30 palavras, sem nexos. Por outro lado, a atenção não-contingente não produziu os mesmos efeitos para as falas inapropriadas quando verbalizações sem sentido da pesquisadora eram disponibilizadas a cada 30 segundos. Nessa condição, o participante respondia de modo apropriado. Torna-se interessante ressaltar os efeitos da atenção social contingente e não-contingente nas duas condições empregadas, o que, por sua vez, demonstra o controle diferenciado desta variável sobre os comportamentos-problema de indivíduos esquizofrênicos.

Esses achados indicam que a atenção social pode ter funcionado como um evento motivador para a ocorrência dos comportamentos-problema, o que não corresponde a afirmar que a atenção social seja um estímulo discriminativo em cuja presença os participantes têm maior probabilidade de emitir comportamentos-problema (como autoinjúrias, falar de modo inapropriado, entre outros). Portanto, o impacto de uma operação motivadora dentro da análise do comportamento aplicada adquire relevância como componente para a análise funcional do comportamento ao potencializar intervenções que envolvem a manipulação sistemática de variáveis. É possível que quando a atenção social é pouco disponibilizada em ambientes, naturalmente a privação da atenção evoque comportamentos-problema comumente consequenciados com formas diversas de atenção.

Em se tratando de operação motivadora, é admissível abordar os eventos emocionais como exemplo deste tipo de operação. Isso porque o conceito operante de emoção inclui as seguintes características: a) eliciação por estimulação ambiental; b)

ocorrência de respostas reflexas; e c) alteração na probabilidade da emissão de certas classes comportamentais. Isto posto, é pertinente observar a função evocativa derivada dos estímulos emocionais, mencionada na terceira característica, visto que os eventos emocionais “(...) (a) alteram momentaneamente a eficácia de certas formas de reforço e (b) alteram a frequência de respostas condicionadas e incondicionadas associadas a esses reforços.” (Smith & Iwata, 1997, p. 349).

Colocado de outra forma, as emoções, tal como as operações motivacionais, “(...) modulam o valor reforçador de reforçadores primários e mudam a atividade geral do organismo.” (Millenson, 1967, p. 412). A partir do exposto, torna-se imperioso recorrer às descrições dos analistas do comportamento acerca do comportamento emocional.

Comportamento emocional

Ao fazer referência às respostas emocionais, os analistas do comportamento têm apresentado algumas poucas explicações acerca desta classe comportamental sem, contudo, dar-lhe maior ênfase.

Assim sendo, Millenson (1967) esclareceu que essa classe de comportamentos permanece como “(...) comportamentos que não podem ser explicados por causas conhecidas. (...) uma categoria de comportamento do tipo ‘cesta de lixo’ e os vários fenômenos aí depositados têm apresentado uma forte resistência à integração sistemática.” (p. 405), com efeito, afastada do vocabulário científico.

Diante desse contexto, em que é problematizada a questão acerca do que fazer com os aspectos emocionais do comportamento, Keller e Schoenfeld (1950/1973) também salientaram ser perigoso adotar para fins científicos um termo cujo uso não é preciso. Em acordo com o que esses autores postularam, a palavra emoção é usada para se referir a “(...) algo que empresta colorido à vida humana (...)” (p. 343). Eles ainda

complementaram: “Ficar sem ela? Não sobraria apenas uma existência fria e insípida?” (p. 343). Outrossim, ante a questão de precisar seu uso, advertiram que é preciso tomar cuidado para não esvaziá-lo de sentido.

Skinner (1989/1995), por sua vez, ao salientar a existência de um mundo interno de sentimentos, pensamentos, emoções, afirmou que este está fora do alcance de uma segunda pessoa e, portanto, da ciência. Todavia, para ele, essa não era uma posição satisfatória, vez que “Como as pessoas se sentem é freqüentemente tão importante quanto o que elas fazem.” (p. 13). Trata-se, pois, de um tipo de comportamento que precisa ser analisado.

Em suas análises, Keller e Schoenfeld (1950/1973) salientaram o conjunto de modificações orgânicas contidas nas respostas emocionais, as quais, segundo sua concepção, poderiam ocorrer concomitantemente à emissão de um comportamento.

Já Skinner (1953/2007) enfatizou que os campos da motivação e da emoção estão muito próximos e, inclusive, podem se sobrepor. Uma privação extrema age como uma operação emocional. O homem faminto é quase necessariamente frustrado e temeroso. Ao descrever as variáveis das quais os estados emocionais são função, o autor relatou, por exemplo, que um som alto e repentino pode induzir medo, enquanto restrição física ou outras interferências com o comportamento podem induzir raiva. O problema é quanto à definição precisa, pois uma emoção aparentemente bem marcada, como a raiva, não se reduz a uma única classe de resposta, nem é atribuível a um único conjunto de operações. A raiva produzida por uma circunstância pode não ser a mesma produzida por outra.

Por sua vez, Millenson (1967) afirmou que os comportamentos considerados emocionais não se limitam apenas a certos padrões reflexos. Desse modo, ao abordar o conceito de emoção, o autor fez referência às mudanças ocorridas no comportamento operante apresentado pelo indivíduo no momento da situação emocional.

Quando um estímulo reforçador é concedido ou recusado, ou quando um estímulo aversivo é apresentado ou retirado, são produzidas no organismo alterações corporais, assim como é modificada a probabilidade de ocorrência de certos comportamentos (Keller & Schoenfeld, 1950/1973; Martin & Pear, 2007/2009).

O termo emoção inclui, pois, componente respondente e operante, o que corresponde a afirmar que as emoções abarcam aspectos fisiológicos e comportamentais (Keller & Schoenfeld, 1950/1973; Catania, 1998/2008; Darwich & Tourinho, 2005; Martin & Pear, 2007/2009; Britto & Elias, 2009).

O componente respondente das emoções envolve respostas autonômicas eliciadas por estímulos incondicionados, ou seja, ao ser discriminado pelo indivíduo, o estímulo elicia mudanças fisiológicas, as quais, por seu turno, são sentidas no corpo. Tratam-se de respostas reflexas dos sistemas digestivo, circulatório e respiratório (Martin & Pear, 2007/2009).

Levando em consideração que nem todo respondente corresponde a um reflexo emocional, deve-se destacar a ausência de uma distinção satisfatória entre reflexos emocionais e não-emocionais. Dessa forma, é acertado concluir que adotar características respondentes como critério exclusivo para definição de emoção não é o mais indicado (Millenson, 1967).

Tal como anteriormente mencionado, as emoções não somente abrangem respostas respondentes, mas abarcam, também, resposta operante aprendida a partir da história ontogenética e cultural, que é como a pessoa aprendeu a demonstrar e a descrever suas emoções. Evidentemente, tais manifestações variam de indivíduo para indivíduo (Martin & Pear, 2007/2009).

Skinner (1989/1995) apontou o efeito dos dois condicionamentos – respondente e operante –, o que pode ser exemplificado por meio de sua afirmação de que “O medo não é

só uma resposta das glândulas e dos músculos lisos, mas também uma possibilidade reduzida de movimento em direção ao objeto temido e uma alta probabilidade de afastamento dele.” (p. 104).

Staats (1996), por sua vez, priorizou a relação de interdependência entre os dois condicionamentos, atribuindo importância à condição sentida (emoção) por esta afetar o comportamento. O autor descreveu a relação entre emoção e comportamento a partir das três funções do estímulo: 1) eliciar uma emoção; 2) atuar como reforçador; 3) direcionar comportamentos de aproximação (se a emoção provocada for positiva) e comportamentos de fuga e/ou esquiva (se a emoção provocada for negativa).

Nesse sentido, diante de determinados eventos eliciadores de estados emocionais, uma pessoa experimenta estados fisiológicos (parte das reações respondentes), os quais adquirem funções estimuladoras, porquanto o modo como a pessoa sente afeta o que esta faz. “Assim, a condição sentida pode adquirir funções estimuladoras e exercer controle discriminativo sobre os comportamentos subsequentes.” (Britto & Elias, 2009, p. 10).

Importante ressaltar que Catania (1998/2008) enfatizou as operações que produzem os diferentes tipos de comportamento emocional, em vez de somente ater-se às classes de respostas deste. Nesse sentido, destacou as respostas emocionais produzidas pela presença de estímulos aversivos, tais como o medo, a ansiedade e a raiva. Em contrapartida, salientou a alegria, produzida pela presença de estímulos reforçadores. Também abordou o alívio, que é produzido pela remoção de estímulos aversivos. E, finalmente, mencionou a tristeza produzida pela retirada de estímulos reforçadores.

Em se tratando dos diversos tipos de comportamentos emocionais, relevante mencionar alguns estudos oriundos de trabalhos experimentais de laboratório.

A partir de estudos em recém-nascidos, Watson (1930, citado por Millenson, 1967), concluiu que (a) a raiva, (b) o medo e (c) a alegria correspondiam aos três tipos de

emoções-padrão que, por sua vez, por intermédio do condicionamento pavloviano, poderiam ser ampliadas, surgindo, então, outras emoções, como a ansiedade. Em seu famoso experimento com um bebê de 11 meses, Albert, Watson emparelhou um estímulo neutro (rato) com um estímulo aversivo incondicionado (som alto), que eliciava no bebê reflexos de medo incondicionado. Após algumas repetições da apresentação do som emparelhado ao rato, o animal passou a eliciar em Albert respostas condicionadas de medo, tais como chorar, gritar, entre outras, que não eram necessariamente idênticas aos reflexos de medo incondicionado, por sua vez denominadas ansiedade.

Já o estudo realizado por Estes e Skinner (1941, citados por Millenson, 1967) evidenciou a redução das atividades operantes produzidas pela apresentação de um estímulo aversivo condicionado (som), fenômeno conhecido como ansiedade experimental. A fim de produzir a resposta de ansiedade condicionada, os pesquisadores tomaram como sujeito um rato cujo comportamento de pressionar a barra, em um primeiro momento, foi reforçado por água em um esquema de intervalo. Quando da estabilidade do comportamento, foi emparelhado um som que perdurava por 5 minutos, o qual era seguido por choque elétrico. A princípio, o som não produzia alteração na resposta de pressionar a barra; contudo, esta era interrompida com o choque. Após inúmeros emparelhamentos, a resposta do rato foi suprimida durante o som, restabelecendo-se posteriormente ao choque, de modo que cada vez menos o choque afetava o comportamento do animal, havendo sua cessação no período de som.

Para observar os efeitos da remoção de reforçadores positivos, Azrin, Hutchinson e Hake (1966, citados por Millenson, 1967) realizaram um experimento no qual um pombo, privado de alimento, foi condicionado a bicar uma chave para obter alimento. Estabelecida a relação entre resposta e reforço, foi acrescentado no compartimento experimental um pombo-alvo, colocado em uma caixa sob a qual havia um interruptor que se desligava

quanto esta era sacudida abruptamente, de modo que podiam ser registrados comportamentos de raiva do pombo dirigidos ao pombo-alvo. Os pesquisadores observaram que os comportamentos de raiva ocorriam quando da remoção abrupta do reforçamento contínuo dado ao operante.

Com a finalidade de demonstrar experimentalmente que a relação pode ser condicionada, Herrnstein e Morse (1957, citados por Millenson, 1967) treinaram pombos a bicar uma chave, reforçando, com alimento, apenas as respostas espaçadas, de maneira que foi estabilizada uma taxa baixa de bicar. Então, foi superposta à contingência operante uma contingência respondente, em que foi emparelhado ao S1 (mudança na cor da chave) um S2 (alimento “livre”, portanto, não-contingente ao bicar). Os resultados demonstraram que durante o S1 os pombos apresentaram taxa alta de bicar.

Em suma, em se tratando de comportamentos emocionais, é acertado concluir que “(...) embora as mudanças medidas no comportamento sejam mudanças nas taxas de operantes, elas não são controladas diretamente pelas contingências de reforçamento de nenhum dos operantes afetados.” (Millenson, 1967, pp. 420-421), pois, as mudanças em operantes não tornam o reforçamento positivo mais provável nem o reforçamento negativo menos provável.

Ressalta-se que o presente estudo reportou-se aos modelos descritos por Millenson (1967) e Martin e Pear (2007/2009) para representar as operações emocionais ligadas à retirada ou à apresentação de estímulos reforçadores e de estímulos aversivos.

Objetivos do presente estudo

Este estudo objetivou analisar funcionalmente o comportamento verbal de uma pessoa diagnosticada como esquizofrênica utilizando as condições e as variações das condições de uma metodologia de análise funcional difundida por Iwata et al. (1982/1994).

Para esta finalidade, foi empregado o delineamento experimental de múltiplas condições, com três condições principais: condição atenção (A), condição sozinha (S) e condição controle (C). A condição atenção (A) incluiu quatro subcondições; a condição sozinha (S) incluiu duas subcondições; e a condição controle (C) não incluiu subcondições. Para cada condição e subcondição empregada, pretendeu-se expor uma breve apresentação dos resultados, com base na frequência das verbalizações minuto a minuto de cada sessão (Bauzá & Cifre, 2000). Dentro das condições estudadas, foi também objeto desta pesquisa observar alguns comportamentos emocionais da participante inferidos das entonações de sua voz e de suas topografias comportamentais.

Dessa forma, este estudo teve por finalidade observar os efeitos de tais variáveis sobre o comportamento verbal, uma vez que replicações diretas e sistemáticas, com base nos princípios da análise comportamental aplicada em pessoas esquizofrênicas, são urgentes e necessárias.

MÉTODO

Participante

Participou deste estudo uma pessoa do sexo feminino, de 27 anos de idade, filha caçula de uma prole de sete, tendo sido gerada em um segundo casamento da mãe. Natural do estado da Bahia, solteira, com primeiro grau incompleto e nível socioeconômico baixo, de acordo com o prontuário da instituição na qual vinha recebendo tratamento. Foi diagnosticada com esquizofrenia simples (F20.6). Há cerca de três anos, fazia tratamento especializado em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Constavam em seu prontuário, os seguintes psicofármacos: haloperidol (Haldol Decanoato® e Haldol®), clorpromazina (Amplicitil®), prometazina (Fenergan®), lorazepam (Lorax®), amitriptilina (Tryptanol®), imipramina (Tofanil®), nortriptilina (Pamelor®), biperideno (Akineton®) e diazepam (Valium®). Durante a coleta de dados, a participante estava fazendo uso de duas ampolas de decanoato de haloperidol (Haldol Decanoato®) administradas quinzenalmente.

A participante apresentava falas inapropriadas que faziam referências: a) à presença de réptil dentro do corpo: “Tem uma cobra no meu ouvido”; b) à ação de outrem contra si própria: “Um homem passa pela fechadura e me estupra”; c) a acontecimento desagradável para outrem: “Estava matando alguém”; e d) ao controle de forças ocultas: “Um homem com olho de fogo me manda bater em minha mãe”, entre outras.

Outros dados da história de vida da participante: nasceu com parteira, em casa, sem maiores intercorrências, ainda que sua mãe tenha estado três dias em trabalho de parto. Andou e falou normalmente. Sua infância foi marcada por agressões verbais e físicas por parte de seus irmãos, que lhe aplicavam surras e bofetadas. Aos 12 anos, seu pai faleceu em função de um derrame, quando, então, o ambiente familiar tornou-se conturbado, tenso

e punitivo. Interrompeu os estudos aos 16 anos. Com 17 anos, passou a fazer uso de bebida alcoólica. Ainda nessa época, só queria ficar dentro do quarto, sem tomar banho e apresentava dificuldade para dormir. Houve ainda, nessa fase, histórico de fugas; andava pelas ruas sem direção e objetivo. Começou a apresentar comportamentos agressivos, chegando a ferir sua mãe, na cabeça, com um facão. Em consequência disso, a mãe ficou hospitalizada por alguns dias. A partir desse episódio, seus familiares afastaram-na do convívio familiar, levando-a a uma instituição religiosa, onde foi tratada com passes e orações. Aos 21 anos de idade, passou a fazer tratamento psiquiátrico. Após o uso de medicações, seu estado piorou ainda mais, segundo a família. Foi internada em uma clínica psiquiátrica nas adjacências da cidade de Brasília, DF, local onde permaneceu por 3 meses. Posteriormente, foi trazida a Goiânia, GO para tratamento especializado, em um CAPS, passando a residir longe de sua família contra a sua vontade. Quando ingressou no CAPS, queixava-se de dores de cabeça e tristeza e afirmava ouvir vozes que a mandavam matar pessoas. Como a participante piorou, foi conduzida a uma instituição psiquiátrica em Goiânia, ali permanecendo internada por 28 dias. Na época da coleta de dados, havia cerca de três anos que não retornava a seu estado de origem. No primeiro ano em que mudou para Goiânia, morou com sua irmã e seu cunhado. Quando estes se mudaram, passou a residir sozinha, em um cômodo, sendo assistida em suas necessidades básicas por uma vizinha, que ficava de posse do dinheiro que sua mãe lhe mandava. Apesar disso, ela batia de porta em porta, na vizinhança, pedindo comida. A vizinha “cuidadora” relatou à pesquisadora que a participante acordava de madrugada, pois ela escutava o barulho dos paus que a participante acertava nas paredes. Quando interrogada acerca do ocorrido, dizia que estava matando alguém.

Materiais e ambiente

No decorrer do estudo, foi utilizada uma filmadora para gravação das sessões em DVD-R (Disco Digital de Vídeo) com 30 minutos de capacidade, aparelho de televisão, computador, impressora, papel no formato A4, lápis, caneta, prancheta, termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A), folhas de registro de observação (Apêndice B), gravuras (Apêndice C), reforçadores tangíveis (revistas, pulseiras, um par de brincos, presilhas de cabelo, uma lixa de unha e um chaveiro) e reforçadores comestíveis (bombons e bolachas). Esses objetos e alimentos foram definidos como reforçadores para esta participante após entrevista com membros da equipe multiprofissional que a assistia.

As sessões experimentais foram realizadas no ambiente natural da participante – casa – em uma sala mobiliada com três tamboretas e um armário de cozinha.

Procedimento

Em um primeiro momento, a pesquisadora entrou em contato com um CAPS, localizado na cidade de Goiânia, que conta com uma equipe multiprofissional constituída por psiquiatras, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, profissionais de educação física, estagiários, entre outros, a fim de solicitar a autorização para a realização deste estudo e obter informações sobre os pacientes da referida unidade de saúde que poderiam se enquadrar nos objetivos da pesquisa. Paralelamente, encaminhou o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (COEP). Após obtenção da aprovação do COEP, selecionou-se a participante.

Para a seleção da participante, foram considerados os seguintes critérios: a) ter idade acima de 18 anos; b) apresentar diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia; c) apresentar comportamento verbal inapropriado; e d) estar em tratamento em CAPS. Os

critérios de exclusão foram: a) apresentar idade abaixo de 18 anos; b) não apresentar diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia; e c) apresentar diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia, mas não apresentar comportamento verbal inapropriado.

A instituição e a participante foram informadas sobre os objetivos e o procedimento a ser utilizado na pesquisa, assim como sobre a importância do registro das sessões em vídeo. Receberam, também, informações sobre a duração do trabalho. Enfatizou-se que a participante poderia encerrar sua participação a qualquer momento, sem nenhum prejuízo para a continuidade do tratamento usual na referida instituição. Foi solicitada permissão para divulgação dos resultados do estudo em revistas e/ou eventos científicos com a garantia de que seria resguardado sigilo sobre dados que pudessem identificá-la. Só após assinado um documento de consentimento com os termos acima descritos, pela participante e por um membro responsável da instituição, foram marcados os dias e horários para a realização das sessões.

Com a finalidade de obter mais dados sobre a história ambiental da participante, a pesquisadora recorreu ao prontuário disponibilizado pela instituição. Realizou, ainda, entrevista com sua mãe, juntamente com duas de suas irmãs, além de uma entrevista com a vizinha “cuidadora”.

Para o controle dos procedimentos, foi empregado o delineamento experimental de múltiplas condições com três condições principais: condição atenção (A), condição sozinha (S) e condição controle (C). A condição atenção (A) incluiu quatro subcondições: (A1) atenção, contato olho a olho; (A2) atenção, contato físico; (A3) atenção, comentário; (A4) atenção, executar tarefa. A condição sozinha (S) incluiu duas subcondições: (S1) sozinha, sem demanda; (S2) sozinha, com demanda. A condição controle (C) não incluiu subcondições. Foi escolhida, arbitrariamente, a seguinte sequência de aplicação das condições: (A1) atenção, contato olho a olho, (A2) atenção, contato físico, (A3) atenção,

comentário, (A4) atenção, executar tarefa, (S1) sozinha, sem demanda, (S2) sozinha, com demanda e condição controle (C). Posteriormente, houve a replicação desta sequência e apenas a condição controle (C) não foi replicada. Os encontros da participante com a pesquisadora ocorreram três vezes por semana, tendo sido realizadas duas sessões por dia, totalizando seis sessões semanais, com duração entre 5 minutos e 7 minutos cada, com intervalos de 5 minutos entre uma e outra. Todas as sessões foram registradas em vídeo. O delineamento, tal como foi aplicado, pode ser assim especificado:

(A1) Atenção, contato olho a olho: condição na qual a pesquisadora permaneceu na sala por 5 minutos, sentada em frente à participante, interagindo verbalmente com ela em conversas livres. A cada emissão de fala inapropriada, a pesquisadora, com expressão facial neutra e em silêncio, disponibilizava atenção à participante por até 10 segundos no formato de contato olho a olho. Transcorrido esse tempo, voltava a interagir verbalmente com ela;

(A2) Atenção, contato físico: condição na qual a pesquisadora permaneceu na sala por 7 minutos, sentada em frente à participante, quando interagia verbalmente com ela em conversas livres. A cada emissão de fala inapropriada, a pesquisadora disponibilizava atenção à participante por até 10 segundos, no formato de contato físico: tocava levemente, com uma de suas mãos, um dos joelhos da participante. Transcorrido esse tempo, voltava a interagir verbalmente com ela;

(A3) Atenção, comentário: condição na qual a pesquisadora permaneceu na sala por 5 minutos, sentada em frente à participante, interagindo verbalmente com ela em conversas livres. A cada emissão de fala inapropriada, a pesquisadora inclinava o corpo em direção à participante e emitia o seguinte comentário “Fica difícil compreender quando você fala assim.”;

(A4) Atenção, executar tarefa: condição na qual a pesquisadora mostrou uma gravura de uma revista à participante e solicitou que esta escrevesse um texto sobre a gravura apresentada durante o tempo da sessão (7 minutos). À medida que a participante executava a tarefa, a pesquisadora disponibilizava-lhe atenção social em forma de sinais de aprovação: verbalizava “Continue”, “Mmm-hmm”, ou movimentava a cabeça de baixo para cima ou emitia sorrisos;

(S1) Sozinha, sem demanda: condição na qual a pesquisadora solicitou à participante que a aguardasse por 6 minutos na sala, após o que, ela retornaria. Logo após verbalizar esta orientação, a pesquisadora ausentou-se da sala, deixando a participante sozinha e a filmadora ligada;

(S2) Sozinha, com demanda: condição na qual, após fornecer informações acerca de uma reportagem em uma revista, a pesquisadora solicitou à participante produzir um texto sobre a reportagem comentada. Em seguida, a pesquisadora ausentou-se da sala por 5 minutos, deixando a participante sozinha executando a atividade. A filmadora permaneceu ligada;

(C) Controle: condição na qual a pesquisadora permaneceu na sala por 7 minutos, em um local oposto àquele em que se encontrava a participante, portanto, afastada fisicamente desta, escrevendo em uma folha de papel, enquanto a participante tinha à sua disposição reforçadores (revistas, pulseiras, um par de brincos, presilhas de cabelo, uma lixa de unha, um chaveiro, bombons e bolachas) os quais podiam ser livremente manuseados e/ou ingeridos (se alimentos).

Na Tabela 1 consta o resumo de cada condição aplicada, por sessão.

Após a aplicação do delineamento experimental, foi iniciada a transcrição dos dados registrados em vídeo como material a ser analisado na presente investigação. A pesquisadora anotou, de maneira cursiva, todas as verbalizações apresentadas pela

participante, na sequência em que ocorreram. A análise dos dados deste estudo foi feita em duas etapas, a partir do material registrado em vídeo, durante as diferentes condições e subcondições, como detalhado a seguir.

Tabela 1 – Condições do delineamento de múltiplas condições.

Condição	Sessão	Duração (min)	Procedimento
Atenção, contato olho a olho	1 ^a	5	A fala inapropriada foi seguida por 10 segundos de contato olho a olho
Atenção, contato físico	2 ^a	7	A fala inapropriada foi seguida por 10 segundos de contato físico
Atenção, comentário	3 ^a	5	A fala inapropriada foi seguida pelo comentário “Fica difícil compreender quando você fala assim”
Atenção, executar tarefa	4 ^a	7	O comportamento apropriado foi seguido pela atenção social sob a forma de sinais de aprovação
Sozinha, sem demanda	5 ^a	6	A participante permaneceu na sala na ausência da pesquisadora
Sozinha, com demanda	6 ^a	5	A participante permaneceu na sala na ausência da pesquisadora, com demanda
Controle	7 ^a	7	A participante permaneceu na sala com reforçadores, na presença da pesquisadora, que escrevia em uma folha de papel

a) Primeira etapa – foram definidas duas categorias principais de comportamentos verbais definidas como falas apropriadas (FA) e falas inapropriadas (FI). As FI foram subcategorizadas como falas bizarras, sem nexos, repetitivas, coercitivas, ameaçadoras e místicas.

Definiu-se como FA a ação de emitir palavras características do contexto em questão, ou seja, verbalizações de sentido conhecido. Por exemplo: “Tem vez que eu fico com raiva, brigo.”; “Tem vez que eu choro. Já chorei muitas vezes assim, porque a mãe

não tá.”. De modo similar, as FI foram definidas, por sua vez, como a ação de emitir palavras cujos elementos entre elas são incomuns aos padrões convencionados pela comunidade verbal em questão. Tratam-se, pois, de verbalizações consideradas pelo contexto como bizarras, sem nexos, repetitivas ou cujos elementos entre as palavras de ligação fazem referências desconexas. Como exemplo, a participante fazia referência à presença de réptil dentro do corpo, assim como ao controle de forças ocultas. Foram ainda consideradas FI as verbalizações comportando elementos coercitivos e ameaçadores.

Na Tabela 2 estão ilustrados alguns exemplos de FI apresentadas pela participante, as quais foram decompostas em subcategorias distintas, cujas definições também são ali apresentadas.

b) Segunda etapa – foram categorizados comportamentos emocionais, como aborrecimento, raiva, prazer, elação, ansiedade, tristeza (Millenson, 1967) e alívio (Martin & Pear, 2007/2009), correlatos aos estados internos hipotetizados como representantes de episódios emocionais expressos no tom de voz das verbalizações da participante e em algumas de suas topografias comportamentais.

Definiu-se como tom de voz a ação de emitir palavras cujo volume variava de elevado a baixo ou apresentava-se em forma de sussurros. O tom de voz elevado, natural e baixo, possibilitava à pesquisadora discriminar os elementos que compunham as verbalizações da participante. Em contraste, o tom de voz, apresentado em forma de sussurros, permitia apenas que a pesquisadora observasse movimentos dos lábios da participante, não tendo sido possível discriminar os elementos que compunham tal verbalização.

Foram observadas várias topografias comportamentais que elucidam o que o presente estudo chama de comportamentos emocionais. Para cada tipo de emoção serão descritas apenas as topografias mais frequentes.

Tabela 2 – Falas inapropriadas: definição e exemplificação.

Falas inapropriadas	Definição	Exemplo
Bizarras	Falas em que os elementos entre as palavras de ligação mostram aspectos estranhos, incomuns	“Eu tava a fim dele. Ele entrou lá. entregou o balde. Tá meio certo não.” “Disse que tem um homem com doença. Se esse homem não pode tá doente não. Ela falou eu tô lascada.”
Sem nexos	Falas em que não há coerência lógica entre as palavras de ligação	“As pernas da bicicleta não sei o que; só tá as pernas da bicicleta.” “(…) eu bebi dessa bebidinha. Bebida ali, cerveja ali, que um amigo meu me deu. Esse rapaz também queria casar comigo, né? Eu não quis.”
Repetitivas	Falas explicativas com elementos idênticos já verbalizados	“Sorri não. Não pode sorrir dele não. Não pode sorrir assim. Não pode sorrir não.” “(…) quando eu era criança, eu era gorda, era preta. Eu era mais preta ainda, mais preta que eu tô agora. Era mais preta.”
Coercitivas	Falas que expressam imposição pela força de uma pessoa contra outra	“Uma vez, ele pegou um pau lá, correu atrás de mim. Daí, eu corri, mas só deve... acho que é porque eu bebi. Mulher, eu não posso beber (...).” “Tem é gente querendo me matar. Não sei quem é não.”
Ameaçadoras	Falas que intimidam o outro sobre causar-lhe mal injusto e grave	“Eu vou matar essa menina. Essa menina vai fazer reportagem aí de mim.”
Místicas	Falas cujos conteúdos são misteriosos ou espirituais	“Quando eu tava deitada, quando foi de manhã cedo, vi um santinho, assim, e a rodinha na cabeça dele. E ele, com um casacão, assim, e a blusa preta. Um santinho. Todo dia de manhã eu vejo. De manhã que eu vejo.” “(…) a tia nossa lá de Brasília tá ni mim. Eu tô achando que é ela. Alguém morreu por lá e tá ni mim.”

As categorias descritivas dos comportamentos emocionais do presente estudo foram elaboradas a partir dos modelos descritos por Millenson (1967) e Martin e Pear (2007/2009) para representar diferenças de intensidade nas operações emocionais ligadas à retirada ou à apresentação de estímulos reforçadores e à retirada ou à apresentação de estímulos aversivos, em um *continuum*, variando de muito fraca a muito forte, presentes nos relatos da participante, os quais foram registrados em vídeo durante as subcondições aplicadas.

Assim sendo, foram categorizados os comportamentos emocionais que se segue:

a) Aborrecimento – critério de definição: ação verbal que indicava a retirada de reforçadores. Tom de voz: de baixo a natural. Topografia: enquanto verbalizava, seu olhar era direcionado à pesquisadora e para cima;

b) Raiva – critério de definição: ação verbal que indicava retirada de reforçadores. Tom de voz: de natural a elevado. Topografia: enquanto a participante verbalizava, seu olhar era direcionado à pesquisadora e para cima; gesticulava com as mãos e apontava o dedo indicador movimentando-o para a frente;

c) Prazer – critério de definição: ação verbal que indicava ganho de reforçadores. Tom de voz: natural. Topografia: enquanto a participante verbalizava, seu olhar era direcionado para baixo e expressava sorriso;

d) Elação – critério de definição: ação verbal que indicava ganho de reforçadores. Tom de voz: de natural a elevado. Topografia: enquanto a participante verbalizava, direcionava seu olhar para baixo, para cima ou para a pesquisadora; gesticulava com as mãos, mantendo a postura corporal ereta, e sorria;

e) Ansiedade – critério de definição: ação verbal que indicava presença de estímulos aversivos. Tom de voz: de natural a elevado. Topografia: enquanto verbalizava, direcionava seu olhar para cima e movimentava as mãos;

f) Alívio – critério de definição: ação verbal que indicava a retirada de estímulos aversivos. Tom de voz: natural. Topografia: enquanto verbalizava, desviava o olhar da pesquisadora e abaixava a cabeça;

g) Tristeza – critério de definição: ação verbal que indicava retirada de reforçadores. Tom de voz: baixo. Topografia: enquanto verbalizava, direcionava seu olhar para baixo.

Na Tabela 3 estão exemplificadas verbalizações da participante, decompostas em subcategorias em relação ao tom de voz e ao comportamento emocional correspondente.

Tabela 3 – Categorias e exemplos dos comportamentos emocionais.

Verbalização	Tom de voz	Comportamento emocional
“(…) já chorei muitas vezes, assim, porque a mãe não tá aqui.”	Natural	Aborrecimento
“(…) ela fez algum tipo de trem ruim, porque ela não tá com... com a... com... com a menina. Quer cair fora dessa casa. Aí, não sei o que é.”	Elevado	Raiva
“Eu tenho vontade de morar [se referindo à sua cidade natal], de passear e não voltar mais.”	Natural	Prazer
“(…) é pretinho [santinho], com os olhos preto, do cabelão preto. E a rodinha tá na cabeça.”	Natural	Elação
“Ela disse ‘É pra comê tudo’ e não sei o que. Eu disse ‘Oh, tia, não quero mais, não. Já comi. Não quero mais, não’.”	Natural	Ansiedade
“Choveu muito, mas não aconteceu nada não.”	Natural	Alívio
“Mamãe tá doente. Mamãe ligou e agora não ligou mais. Queria falar com ela (…)”	Baixo	Tristeza

Com a finalidade de computar os dados da primeira etapa do presente estudo, foi efetuado o registro da ocorrência e não-ocorrência das classes comportamentais categorizadas como FA e FI. Para este fim, foram utilizadas folhas de registro, com um cabeçalho informando a técnica de observação, o delineamento utilizado, a condição experimental manipulada, a data da aplicação, o ambiente no qual a participante e a pesquisadora se encontravam, os horários de início, término e duração total da sessão. Ademais, as folhas continham um quadro composto por duas colunas: 1) indicando os intervalos de tempo (em minutos); 2) informando o comportamento registrado (atividade verbal). O registro efetuado em cada casela seguiu a seguinte legenda: (x) para a ocorrência de FI e (.) para a não-ocorrência de FI.

Durante a segunda etapa, a análise dos dados foi feita utilizando todo o tempo de registro em vídeo das condições e subcondições, ou seja, de 5 a 7 minutos. Assim, o tempo gasto em cada condição foi cronometrado e também anotado na folha de registro.

Para garantir a fidedignidade dos dados obtidos, contou-se com a colaboração de duas pessoas independentes para registrar os comportamentos computados: um profissional da saúde, com experiência em observação, e um pesquisador da área aplicada.

Desse modo, o cálculo de concordância foi feito entre os seguintes pares de observadores: AB, BC e AC. Para o cálculo do Índice de Concordância, foi utilizada a fórmula: $[\text{Concordâncias} / (\text{concordâncias} + \text{discordâncias})] \times 100$ (Fagundes, 1999). O percentual de fidedignidade foi calculado, alcançando altos índices de concordância tanto para as FA (96%), quanto para as FI (91%).

RESULTADOS

Os resultados do presente estudo são apresentados em forma de figuras e tabelas. Por se tratar de dados obtidos via delineamento de múltiplas condições, ocasião em que foram manipuladas três condições principais e seis subcondições, optou-se por apresentar a frequência das verbalizações minuto a minuto, por sessão, na aplicação e na sua respectiva replicação.

Na Figura 1, apresenta-se a frequência do comportamento verbal nas duas aplicações da subcondição (A1) atenção, contato olho a olho.

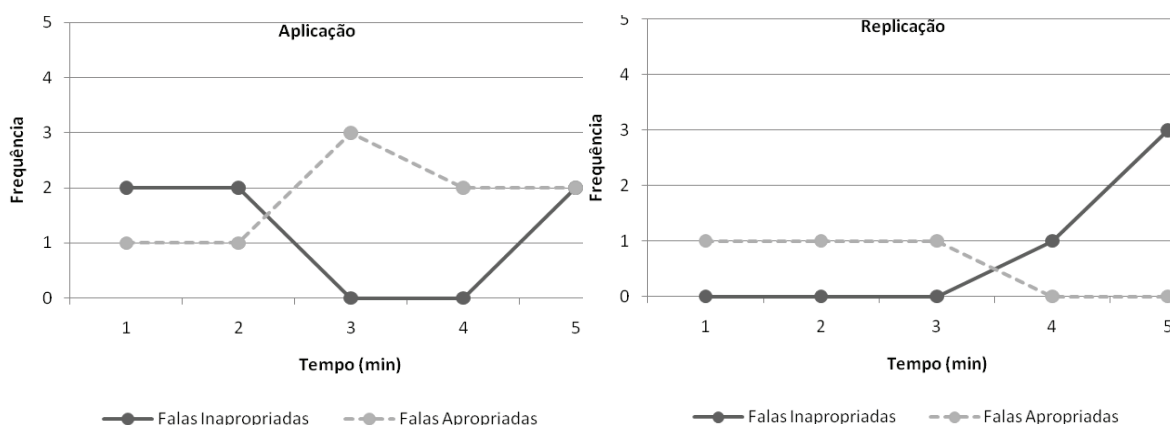


Figura 1 – Frequência de emissão das falas inapropriadas e apropriadas na subcondição (A1) atenção, contato olho a olho.

Na subcondição (A1) atenção, contato olho a olho, as FI foram seguidas por 10 segundos de contato olho a olho. Os dados derivados da aplicação demonstraram oscilações na frequência das FI entre zero e duas por minuto. Observou-se a emissão de um total de seis FI ao longo da sessão, nos minutos 1, 2 e 5, com a mesma frequência: duas falas em cada um dos respectivos minutos. Nos minutos 3 e 4 não houve emissão de FI. As

FA variaram entre uma e três por minuto. Foram registradas nove FA durante toda a sessão, registradas nos minutos 1, 2, 3, 4 e 5: nos minutos 1 e 2, a participante apresentou uma FA por minuto, enquanto nos minutos 4 e 5, apresentou duas por minuto, e no minuto 3, emitiu três.

Quando da replicação desta subcondição, os dados apontaram que a ocorrência das FI oscilou entre zero e três por minuto, totalizando a emissão de quatro FI na sessão. Nos minutos 1, 2 e 3 não houve ocorrência de FI, no minuto 4, observou-se uma, enquanto no minuto 5, o número observado foi de três. As FA ocorridas ao longo da sessão oscilaram entre zero e uma por minuto. Na sessão, registrou-se um total de três ocorrências de FA. Nos minutos 4 e 5, não foi registrada nenhuma ocorrência de FA. Já nos minutos 1, 2 e 3, verificou-se a ocorrência de uma fala por minuto.

Na Figura 2, estão descritos os resultados acerca do comportamento verbal nas duas aplicações da subcondição (A2) atenção, contato físico.

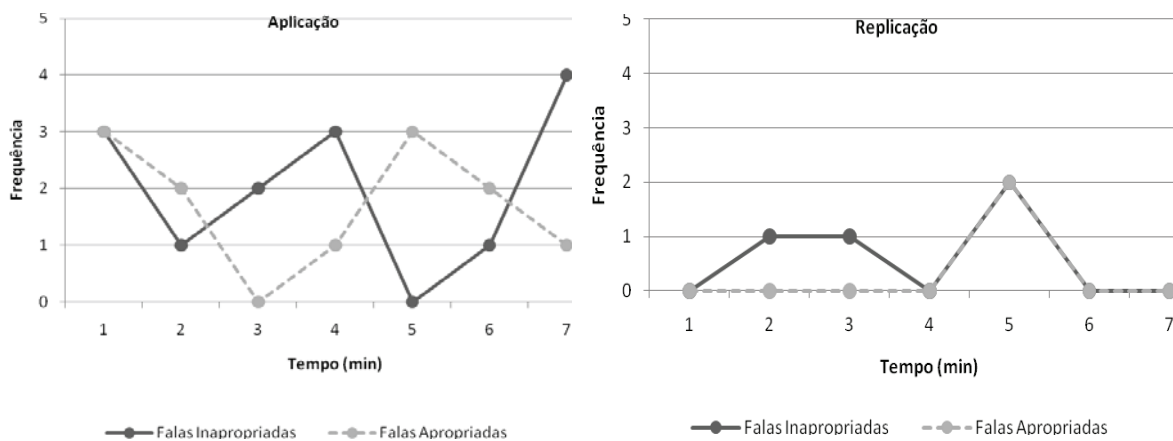


Figura 2 – Frequência de emissão das falas inapropriadas e apropriadas na subcondição (A2) atenção, contato físico.

Na subcondição (A2) atenção, contato físico, as FI foram seguidas por 10 segundos de contato físico. Os dados da aplicação demonstraram oscilações na frequência das FI entre zero e quatro por minuto. Registrou-se um total de 14 FI durante a sessão, nos minutos 1, 2, 3, 4, 6 e 7, ao passo que no minuto 5, não houve FI. Nos minutos 2 e 6, a frequência deste tipo de fala foi de uma em cada minuto, enquanto no minuto 3, foi de duas. Já nos minutos 1 e 4, houve emissão de três falas por minuto. Por sua vez, no minuto 7, registrou-se o maior número de FI, que foi de quatro. No que se refere às FA, estas variaram entre zero e três por minuto. Foi computado um total de 12 FA ao longo dos minutos 1, 2, 4, 5, 6 e 7, enquanto no minuto 3, não houve emissão deste tipo de fala. Nos minutos 4 e 7, houve ocorrência de uma FA em cada minuto. Nos minutos 2 e 6, foram emitidas duas FA por minuto, e nos minutos 1 e 5, três em cada minuto.

Durante a replicação desta subcondição, os dados apontaram que a frequência das FI variou entre zero e duas por minuto. Registrou-se um total de quatro FI observadas nos minutos 2, 3 e 5, com frequência de uma por minuto nos minutos 2 e 3. Já no minuto 5, a ocorrência de FI foi de duas. Nos minutos 1, 4, 6 e 7, não houve registro de FI. Em relação às FA, estas variaram entre zero e duas por minuto. O total de FA na sessão foi de duas, ambas observadas no minuto 5. Nos minutos 1, 2, 3, 4, 6 e 7, não houve registro de FA.

Na Figura 3, estão expostos os resultados acerca do comportamento verbal apresentado pela participante quando da subcondição (A3) atenção, comentário.

Na subcondição (A3) atenção, comentário, as FI foram seguidas pelo comentário “Fica difícil compreender quando você fala assim”. Durante a aplicação, notaram-se variações na frequência das FI entre uma e quatro por minuto, totalizando 12 na sessão, distribuídas nos minutos 1, 2, 3, 4 e 5. No minuto 2, ocorreu uma fala; nos minutos 1 e 4, houve duas FI em cada minuto; no minuto 5, ocorreram três, enquanto no minuto 3, houve quatro. Quanto às FA, estas variaram entre zero e três por minuto. Foi registrado um total

de oito FA na sessão, observadas nos minutos 1, 2, 3 e 4. No minuto 5, não houve emissão de FA. Já no minuto 1, a participante apresentou uma FA, ao passo que em cada um dos minutos 2 e 4, ela apresentou duas falas e no minuto 3, três FA.

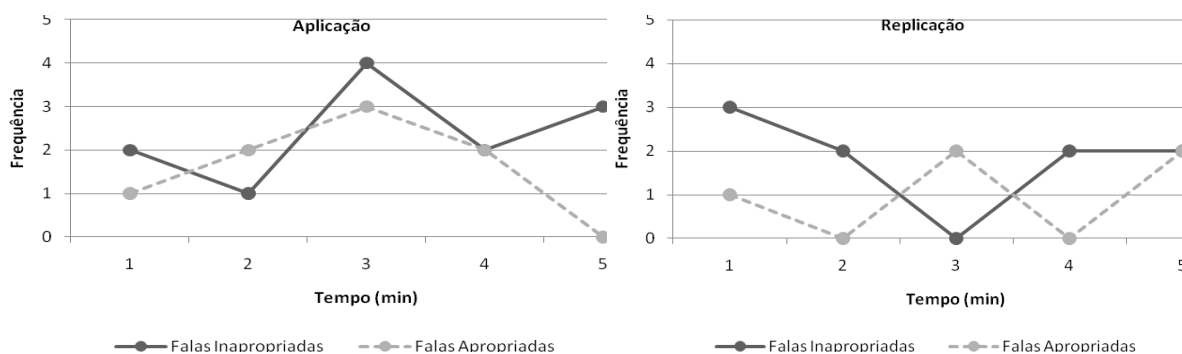


Figura 3 – Frequência de emissão das falas inapropriadas e apropriadas na subcondição (A3) atenção, comentário.

Na replicação desta subcondição, observaram-se variações na frequência das FI entre zero e três por minuto, totalizando nove emissões na sessão, durante os minutos 1, 2, 4 e 5. No minuto 3, não houve ocorrência de FI; porém, nos minutos 2, 4 e 5, houve duas falas por minuto, enquanto no minuto 1, ocorreram três falas deste tipo. Quanto às FA, estas variaram entre zero e duas por minuto. Registrou-se a ocorrência total de cinco falas na sessão. Nos minutos 2 e 4, não houve emissão de FA. No minuto 1, ocorreu uma, e em cada um dos minutos 3 e 5, duas FA.

Na Figura 4, é apresentada a frequência dos comportamentos verbais nas duas aplicações da subcondição (A4) atenção, executar tarefa.

Na subcondição (A4) atenção, executar tarefa, o comportamento de executar tarefa foi seguido por atenção social. Os dados da aplicação apontaram que não houve ocorrência de FI durante a sessão. Quanto às FA, registrou-se variação entre zero e três por minuto,

totalizando 10 emissões deste tipo de fala na sessão, ao longo dos minutos 1, 2, 3, 5 e 6. Nos minutos 4 e 7, não houve registros de FA, ao passo que nos minutos 2 e 6, ocorreu uma fala em cada minuto. No minuto 1, houve ocorrência de duas FA, enquanto nos minutos 3 e 5, a participante apresentou três por minuto.

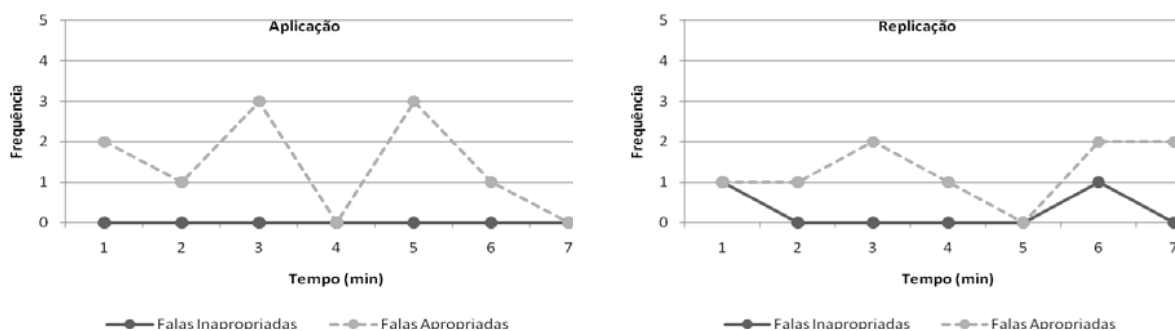


Figura 4 – Frequência de emissão das falas inapropriadas e apropriadas na subcondição (A4) atenção, executar tarefa.

Quando da replicação desta subcondição, as FI oscilaram entre zero e uma. Verificaram-se apenas duas ocorrências de FI durante a sessão, ocorridas nos minutos 1 e 6, nos quais a participante apresentou uma FI em cada um deles. Nos minutos 2, 3, 4, 5 e 7, não houve emissão deste tipo de fala. Em relação às FA, observou-se que variaram entre zero e duas por minuto, em um total de nove. No minuto 5, não houve registro de FA, enquanto nos minutos 1, 2 e 4, foi apresentada uma por minuto. Já nos minutos 3, 6 e 7, as FA ocorreram duas vezes em cada minuto.

Na Figura 5, detalha-se a frequência dos comportamentos verbais por minuto nas duas aplicações da subcondição (S1) sozinha, sem demanda.

Na subcondição (S1) sozinha, sem demanda, a participante permaneceu na sala na ausência da pesquisadora. Os registros da aplicação mostraram que não houve ocorrência de FI na sessão, assim como não houve emissão de FA durante toda a sessão.

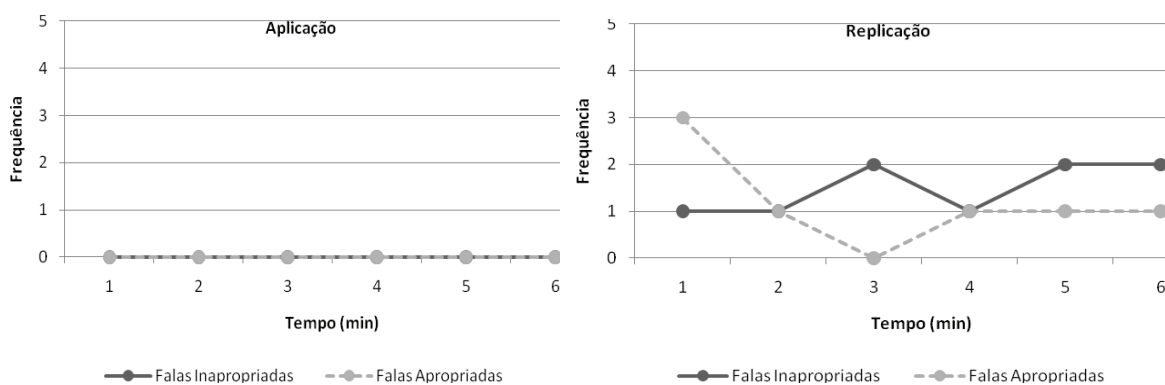


Figura 5 – Frequência de emissão das falas inapropriadas e apropriadas na subcondição (S1) sozinha, sem demanda.

Quando da replicação desta subcondição, os dados apontaram oscilações da frequência das FI entre uma e duas por minuto, tendo sido registrada a ocorrência de nove falas na sessão. Nos minutos 1, 2 e 4, a frequência deste tipo de fala foi de uma por minuto, enquanto nos minutos 3, 5 e 6, registraram-se duas falas em cada um. As FA variaram entre zero e três por minuto, totalizando sete ao longo da sessão. No minuto 3, não houve emissão deste tipo de fala. Nos minutos 2, 4, 5 e 6, a participante falou de modo apropriado uma vez em cada um deles. Já no minuto 1, emitiu três FA.

Na Figura 6, detalha-se a frequência dos comportamentos verbais emitidos pela participante na subcondição (S2) sozinha, com demanda.

Na subcondição (S2) sozinha, com demanda, a participante permaneceu na sala na ausência da pesquisadora, com demanda. A partir dos dados da aplicação, notou-se que a oscilação de FI deu-se entre zero e uma emissão. Foi observada a ocorrência total de duas

FI na sessão, tendo sido apresentada uma em cada um dos minutos 1 e 3. Nos minutos 2, 4 e 5, a ocorrência de FI foi igual a zero. Com relação à emissão de FA, houve registro de sua ocorrência variando entre zero e duas por minuto. Foram computadas seis FA na sessão, registradas nos minutos 1, 2, 4 e 5. No minuto 3, não houve emissão deste tipo de fala. Observou-se que nos minutos 1 e 5, houve a ocorrência de uma FI por minuto, ao passo que nos minutos 2 e 4, a participante apresentou duas por minuto.

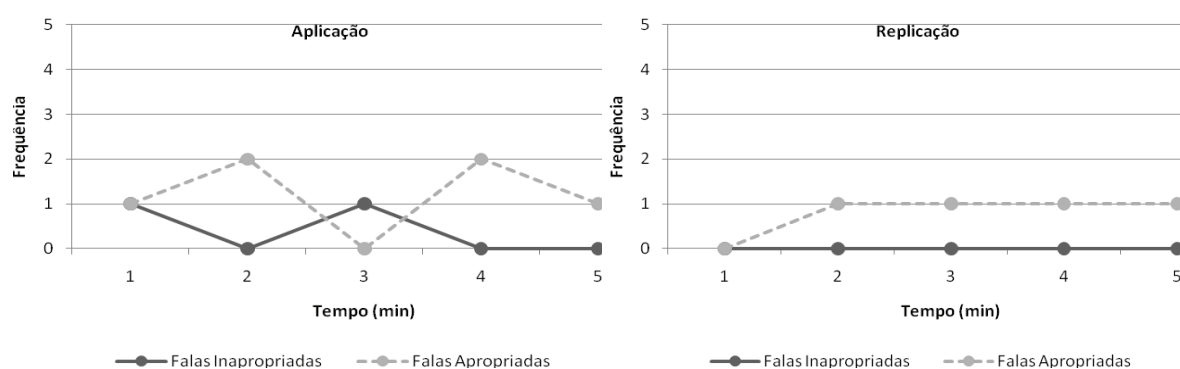


Figura 6 – Frequência de emissão das falas inapropriadas e apropriadas na subcondição (S2) sozinha, com demanda.

Na replicação desta subcondição, não houve emissão de FI na sessão. Em relação à ocorrência de FA, registrou-se a variação de zero a uma. No minuto 1, não se registrou ocorrência de FA. Em cada um dos minutos 2, 3, 4 e 5, registrou-se uma fala por minuto, totalizando quatro falas ao longo da sessão.

Na Figura 7, estão representados os resultados acerca do comportamento verbal na condição controle (C).

Nesta condição, a participante permaneceu na sala com os reforçadores disponíveis, na presença da pesquisadora, que escrevia em uma folha de papel. Observou-se que não houve ocorrência de FI na sessão. Com relação às FA, os registros indicaram

oscilações da frequência entre zero e três por minuto, em um total de seis, as quais ocorreram ao longo dos minutos 1, 2 e 4, enquanto nos minutos 3, 5, 6 e 7, não houve emissão deste tipo de fala. No minuto 4, a participante apresentou apenas uma FA; no minuto 1, emitiu duas, enquanto no minuto 2, apresentou três falas deste tipo.

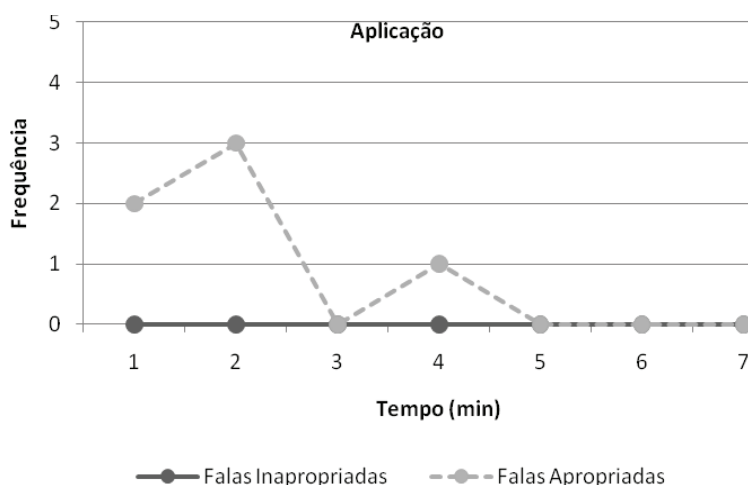


Figura 7 – Frequência de emissão das falas inapropriadas e apropriadas na condição controle (C).

Na Figura 8, são apresentados os percentuais das FI representativos das aplicações e replicações ocorridas nas diferentes condições e subcondições empregadas neste estudo.

No detalhamento dos dados apresentados na Figura 8, observou-se que os maiores percentuais de FI, durante a aplicação, foram obtidos nas subcondições (A2) atenção, contato físico – 22,5% e (A3) atenção, comentário – 19,35%, seguidos pelas subcondições (A1) atenção, contato olho a olho – 9,67% e (S2) sozinha, com demanda – 3,22%. Destaca-se o percentual zero registrado para as subcondições (A4) atenção, executar tarefa, (S1) sozinha, sem demanda e condição controle (C). Em relação à replicação, observou-se que os maiores percentuais deste tipo de fala foram obtidos nas subcondições (A3)

atenção, comentário e (S1) sozinha, sem demanda, com mesmo valor – 14,51%, enquanto nas subcondições (A1) atenção, contato olho a olho e (A2) atenção, contato físico, registrou-se 6,45%, igualmente para ambas. Para as subcondições (A4) atenção, executar tarefa e (S2) sozinha, com demanda, também foram obtidos percentuais coincidentes – 3,22%. Por outro lado, na condição controle (C), registrou-se percentual zero.

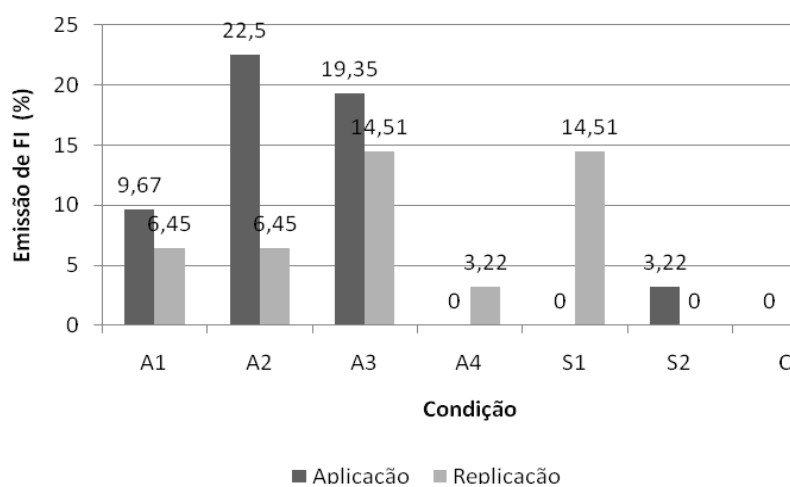


Figura 8 – Porcentagem de emissão das falas inapropriadas nas diferentes condições.

Assim sendo, a partir dos achados apresentados na Figura 8, ainda se deve salientar que, somados os percentuais da aplicação e da replicação de cada uma das subcondições, o maior registro de emissão de FI deu-se na subcondição (A3) atenção, comentário – 33,86%, enquanto o menor percentual deste tipo de fala, nesta perspectiva, foi registrado nas subcondições (A4) atenção, executar tarefa e (S2) sozinha, com demanda – 3,22% em cada uma delas.

A Figura 9 apresenta os percentuais das FA representativos das aplicações e replicações ocorridas nas diferentes condições e subcondições.

No detalhamento dos dados apresentados na Figura 9, observou-se que os maiores percentuais de FA, durante a aplicação, foram obtidos nas subcondições (A2) atenção, contato físico – 14,81%, (A4) atenção, executar tarefa – 12,34% e (A1) atenção, contato olho a olho – 11,11%, seguidos pelas subcondições (A3) atenção, comentário – 9,87%, (S2) sozinha, com demanda e condição controle (C), ambas com o mesmo percentual – 7,4%. Na subcondição (S1) sozinha, sem demanda, registrou-se percentual zero. Quanto à replicação, observou-se que os maiores percentuais deste tipo de fala foram registrados nas subcondições (A4) atenção, executar tarefa – 11,11%, (S1) sozinha, sem demanda – 8,64% e (A3) atenção, comentário – 6,17%, seguidos pelas subcondições (S2) sozinha, com demanda – 4,93%, (A1) atenção, contato olho a olho – 3,7% e (A2) atenção, contato físico – 2,46%.

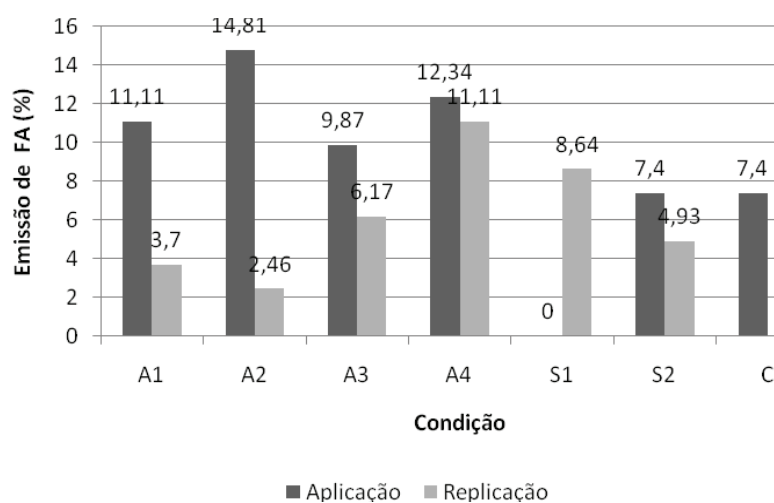


Figura 9 – Porcentagem de emissão das falas apropriadas nas diferentes condições.

Desse modo, a partir dos achados apresentados na Figura 9, é possível ressaltar que, somados os percentuais da aplicação e da replicação de cada uma das subcondições, o maior registro de emissão de FA deu-se na subcondição (A4) atenção, executar tarefa –

23,45%, ao passo que o menor percentual deste tipo de fala, por esta perspectiva, deu-se na subcondição (S1) sozinha, sem demanda – 8,64%.

Na Tabela 4, são mostrados os comportamentos emocionais inferidos a partir do tom de voz das verbalizações da participante e de algumas de suas topografias comportamentais categorizados por suas ocorrências.

Tabela 4 – Frequência e percentual de emissão dos comportamentos emocionais inferidos.

Emoção inferida	Frequência	Emissão (%)
Subcondição (A1) atenção, contato olho a olho		
Tristeza	1	14,28
Aborrecimento	1	14,28
Raiva	3	42,85
Elação	1	14,28
Alívio	1	14,28
Total	7	100,00
Subcondição (A2) atenção, contato físico		
Aborrecimento	2	33,33
Raiva	2	33,33
Elação	1	16,66
Ansiedade	1	16,66
Total	6	100,00
Subcondição (A3) atenção, comentário		
Tristeza	2	25,00
Raiva	1	12,50
Prazer	1	12,50
Elação	3	37,50
Ansiedade	1	12,50
Total	8	100,00
Subcondição (S1) sozinha, sem demanda		
Tristeza	1	20,00
Raiva	3	60,00
Ansiedade	1	20,00
Total	5	100,00
Subcondição (S2) sozinha, com demanda		
Aborrecimento	1	100,00
Total	1	100,00

Verifica-se, na Tabela 4, que foram registradas sete subcategorias de comportamentos emocionais: aborrecimento, raiva, prazer, elação, ansiedade, alívio e

tristeza. Pode-se observar que a emoção inferida em maior frequência foi a raiva, com nove ocorrências, registrada quando das subcondições (A1) atenção, contato olho a olho – três ocorrências, (A2) atenção, contato físico – duas ocorrências, (A3) atenção, comentário – uma ocorrência e (S1) sozinha, sem demanda – três ocorrências, demonstrando, assim, ter sido mais frequente na condição atenção (A).

A resposta emocional de elação, com cinco ocorrências, foi inferida nas subcondições (A1) atenção, contato olho a olho – uma ocorrência, (A2) atenção, contato físico – uma ocorrência e (A3) atenção, comentário – três ocorrências. Assim sendo, foi inferida somente quando da condição atenção (A).

As emoções tristeza e aborrecimento foram inferidas em uma frequência de quatro ocorrências cada uma. Foi observada a resposta emocional de tristeza nas subcondições (A1) atenção, contato olho a olho – uma ocorrência, (A3) atenção, comentário – duas ocorrências e (S1) sozinha, sem demanda – uma ocorrência, mostrando-se mais frequente na condição atenção (A).

O aborrecimento foi inferido nas subcondições (A1) atenção, contato olho a olho – uma ocorrência, (A2) atenção, contato físico – duas ocorrências e (S2) sozinha, com demanda – uma ocorrência, apontando para frequência maior na condição atenção (A).

A resposta emocional de ansiedade, com ocorrência equivalente a três, foi inferida nas subcondições (A2) atenção, contato físico – uma ocorrência, (A3) atenção, comentário – uma ocorrência e (S1) sozinha, sem demanda – uma ocorrência, sendo mais frequente na condição atenção (A).

As emoções prazer e alívio foram inferidas em frequência de uma ocorrência cada. O comportamento emocional de prazer foi inferido na subcondição (A3) atenção, comentário, ao passo que a resposta emocional de alívio foi inferida na subcondição (A1) atenção, contato olho a olho, ambas correspondentes à condição atenção (A).

Em suma, os dados da Tabela 4 demonstram que na condição atenção (A) houve maiores manifestações dos comportamentos emocionais, sendo a raiva a emoção mais frequente, seguida por elação, enquanto as de menores ocorrências foram prazer e alívio.

No Apêndice D constam as Tabelas 5 a 17, que apresentam as transcrições literais das verbalizações da participante quando das aplicações e replicações das condições e subcondições do presente estudo. No Apêndice E podem ser visualizadas as Tabelas 18 a 22, nas quais são apresentadas as topografias, o tom de voz e, por conseguinte, a emoção inferida nas subcondições (A1) atenção, contato olho a olho, (A2) atenção, contato físico, (A3) atenção, comentário, (S1) sozinha, sem demanda e (S2) sozinha, com demanda.

DISCUSSÃO

O presente estudo objetivou analisar funcionalmente o comportamento verbal de uma pessoa esquizofrênica, em tratamento em uma unidade de saúde mental, fazendo uso da metodologia de análise funcional difundida por Iwata et al. (1982/1994) em um delineamento de múltiplas condições, com três condições principais: condição atenção (A), que incluiu quatro subcondições; condição sozinha (S), que incluiu duas subcondições; e condição controle (C).

Em cada condição, a topografia do comportamento da pesquisadora variava conforme a condição e a subcondição experimental aplicada, as quais eram bem distintas, abarcando interagir verbalmente com a participante, em conversas livres, e disponibilizar: (A1) atenção, contato olho a olho – 10 segundos de contato olho a olho; (A2) atenção, contato físico – 10 segundos de contato físico; (A3) atenção, comentário – o comentário “Fica difícil compreender quando você fala assim.”; (A4) atenção, executar tarefa – verbalizações curtas e movimentos motores; (S1) sozinha, sem demanda – ausentar-se da sala; (S2) sozinha, com demanda – ausentar-se da sala após solicitar alguma demanda; condição controle (C) permanecer na sala, sem interagir com esta, enquanto reforçadores estavam disponíveis.

Operações motivadoras foram manipuladas no presente estudo, à medida que a pesquisadora estava presente na sala (condição motivadora), disponibilizando tipos específicos de atenção (contingência de reforçamento) quando da emissão de FI, especificamente nas subcondições (A1) atenção, contato olho a olho, (A2) atenção, contato físico e (A3) atenção, comentário, da condição atenção (A). Por sua vez, na subcondição (A4) atenção, executar tarefa, o procedimento se inverteu: a atenção, fornecida por meio

de verbalizações curtas e movimentos motores, passou a ser dispensada não mais contingente às FI, mas em seguida ao comportamento apropriado verbal e não-verbal.

Em contrapartida, à medida que a pesquisadora ausentava-se da sala, portanto, em ambas as subcondições da condição sozinha (S), a participante foi privada de atenção social. Assim, na condição sozinha (S) houve a presença de condição supressora e ausência de contingência de reforçamento.

Na condição controle (C), a atenção foi retirada parcialmente, uma vez que a pesquisadora permaneceu na sala, escrevendo em uma folha, em um local oposto àquele em que se encontrava a participante, portanto, afastada fisicamente desta, enquanto havia reforçadores à sua disposição. Nessa condição, pois, eram ausentes: operação motivadora e contingência de reforçamento. Diante do exposto, faz-se importante destacar Keller e Schoenfeld (1950/1973), que demonstraram que a operação motivacional pode ser tratada como uma variável independente e, destarte, manipulada experimentalmente.

Para cada condição e subcondição aplicada, foi realizada uma breve apresentação dos resultados, com base na frequência das verbalizações minuto a minuto de cada sessão (Bauzá & Cifre, 2000), porquanto conclusões válidas podem ser obtidas por meio de condições comumente limitadas a cinco minutos de duração e, também, por meio de uma ou duas repetições da aplicação da condição (Martin & Pear, 2007/2009). Esses dados serão ora discutidos.

No que tange aos resultados apresentados na Figura 1, referente à subcondição (A1) atenção, contato olho a olho, as FA mostraram-se mais frequentes que as FI. Pode-se afirmar, então, que o efeito da atenção social disponibilizada pela pesquisadora, sob a forma de 10 segundos de contato olho a olho contingente às FI, exerceu menor controle discriminativo.

Já na subcondição (A2) atenção, contato físico, cujos resultados foram mostrados na Figura 2, houve ocorrência dos dois tipos de fala – FI e FA –, com maior frequência de FI. Um aspecto que merece destaque é que, na aplicação, a atenção disponibilizada no formato de contato físico controlou, de modo importante, a frequência de FI. Contudo, na replicação, não se obteve o mesmo efeito.

Quanto aos resultados que constam na Figura 3, obtidos na subcondição (A3) atenção, comentário, contingente às FI, foi falado para a participante: “Fica difícil compreender quando você fala assim”. Todavia, essa verbalização alcançou o efeito oposto, pois foi nessa subcondição que a participante emitiu a maior frequência de FI. Esse é um dado cujo efeito deve ser salientado por aqueles que atuam no contexto terapêutico ao instruir a família a lidar com o comportamento de pessoas esquizofrências.

Na subcondição (A4) atenção, executar tarefa, cujos resultados podem ser visualizados na Figura 4, a atenção social foi disponibilizada na forma de um sinal de aprovação da pesquisadora para a execução da tarefa por parte da participante. Nesse sentido, a pesquisadora reforçava a ação da participante com as seguintes verbalizações “Continue”, “Mmm-hmm”, bem como por intermédio de movimentos da cabeça de baixo para cima ou sorrisos. Os dados encontrados nesta subcondição apontaram que este procedimento diminuiu a frequência das FI e aumentou a frequência das FA. De modo específico, Greenspoon (1955, citado por Honig, 1975) utilizou-se de um leve sinal de aprovação como um som “mmm-hmm” para modelar o comportamento verbal de um participante.

Um aspecto que parece contrariar os dados da literatura refere-se à condição sozinha (S), em cujas subcondições a participante foi privada de atenção social. Conforme os resultados mostrados nas Figuras 5 e 6, houve ocorrência de FI e FA. Todavia, as verbalizações da participante podem ser justificadas por sua história ambiental, vez que

tanto os profissionais do CAPS quanto sua vizinha “cuidadora” afirmaram ser frequente ouvir sua voz, como se ela estivesse verbalizando com alguém que não estava presente.

Finalmente, os resultados obtidos na condição controle (C), mostrados na Figura 7, apontam que não houve ocorrência de FI, tendo sido registradas apenas FA. Importante observar que, nesta subcondição, a participante estava sob o controle dos reforçadores, tanto tangíveis (revistas, pulseiras, um par de brincos, presilhas de cabelo, uma lixa de unha e um chaveiro) como comestíveis (bombons e bolachas), os quais podiam ser livremente manuseados e/ou ingeridos (se alimentos). Os reforçadores disponibilizados controlaram seu comportamento: a participante verbalizava, por exemplo, “Uma lixa. Vou guardar.”, “Tão bonito esse brinco.”, entre outros.

Um outro aspecto a ser observado é que na condição controle (C) a participante apresentou tom de voz, em forma de sussurros, em maior frequência. Entretanto, este tipo de ação verbal não foi classificado dentro das categorias destacadas – FI e FA –, ainda que se refira a comportamento verbal. Isso pode ser justificado pelo fato de que perante a vocalização sussurrada o ouvinte não responde, por não serem audíveis os elementos que a compõem. Por tratar-se de uma classe de comportamento comum em pessoas diagnosticadas com esquizofrenia, é acertado concluir que este é um dado que merece ser mais bem estudado.

Em suma, conclui-se que os resultados obtidos na presente pesquisa confirmam os dados encontrados em estudos anteriores, tais como os de Dixon et al. (2001), Wilder et al. (2001), DeLeon et al. (2003), Lancaster et al. (2004), Britto et al. (2006), Santana (2008) e Britto et al. (no prelo), ao demonstrar que a maior ocorrência de frequência de FI deu-se na condição atenção (A). Ressalva deve ser feita à subcondição (A4), atenção, executar tarefa, na qual as FA foram mais frequentes em função de a atenção social ter sido disponibilizada

de forma contingente aos comportamentos verbais e não-verbais apropriados. Em se tratando dos achados dos estudos citados, exceção deve ser feita à condição sozinha (S).

Com base nos resultados comparativos das FI, quando da aplicação e replicação das condições e subcondições manipuladas (Figura 8), foi possível verificar que a subcondição que produziu maior percentual deste tipo de fala foi (A3) atenção, comentário, enquanto as que produziram menor percentual de ocorrência foram (A4) atenção, executar tarefa e (S2) sozinha, com demanda. Por outro lado, a subcondição (A4) atenção, executar tarefa, produziu a maior ocorrência de FA.

Na visão tradicional, o comportamento verbal de pessoas equizofrênicas é comumente definido como falas psicóticas, bizarras, inadequadas, entre outras, vez que não há na literatura um consenso quanto o tipo de caracterização para este tipo de verbal vocal. No presente estudo, o comportamento verbal da participante foi classificado em duas categorias principais: FI e FA. Dentro da categoria FI, foram registradas, ainda, algumas subcategorias: bizarra, sem nexos, repetitiva, coercitiva, ameaçadora e mística.

Neste estudo, também se propôs levantar alguns comportamentos emocionais da participante, haja vista que os dados provenientes das condições experimentais empregadas apontaram comportamentos emocionais. Assim sendo, deve-se advertir que os dados ora discutidos emergiram das condições e subcondições aplicadas. Diante do exposto, faz-se necessário frisar, ainda, que da mesma maneira que os comportamentos emocionais emergiram do material registrado em vídeo, respostas emocionais também podem ser notadas quando se lê um trecho do primeiro parágrafo do capítulo de Keller e Schoenfeld (1950/1973): “A emoção (...) é algo que empresta colorido à vida humana (...). Ficar sem ela? Não sobraria apenas uma existência fria e insípida?” (p. 343).

As categorias descritivas dos comportamentos emocionais emitidos pela participante deste estudo foram assim categorizadas: aborrecimento, raiva, prazer, elação, ansiedade, alívio e tristeza.

Os resultados ilustrados na Tabela 4 demonstram que a raiva foi a emoção mais frequente, manifestada nas subcondições (A1) atenção, contato olho a olho e (S1) sozinha, sem demanda, seguida por elação, na subcondição (A3) atenção, comentário. Em contraste, as respostas emocionais menos frequentes foram prazer e alívio, inferidas nas subcondições (A3) atenção, comentário e (A1) atenção, contato olho a olho, respectivamente. Em suma, na condição atenção (A), houve maiores manifestações dos comportamentos emocionais.

Na subcondição (A1) atenção, contato olho a olho, foi inferida a resposta emocional de raiva em três momentos, no princípio e ao final da sessão, nos quais a ação verbal da participante era indicativa de retirada de reforçadores, situações em que ela verbalizou sobre a ausência de sua mãe e, por conseguinte, o fato de ter sido deixada sozinha, o que pode ter funcionado como operação motivadora para que ela expressasse o comportamento emocional chamado de raiva.

De modo similar, a resposta emocional de raiva foi inferida na mesma frequência na subcondição (S1) sozinha, sem demanda, tendo ocorrido no princípio da sessão. A ação verbal da participante indicou a presença de estímulos aversivos, o que é característico da ansiedade. Contudo, tratava-se de uma subcondição na qual houve a retirada de reforçadores, pois a participante foi privada da atenção social. Com efeito, é possível dizer que a condição supressora pode ter funcionado como operação motivadora para que a participante demonstrasse a emoção inferida.

Na subcondição (A3) atenção, comentário, foi inferida a resposta emocional de elação, com três ocorrências, no princípio e ao final da sessão. Ao verbalizar sobre o

espaço de uma casa grande, a ação verbal da participante foi indicativa da presença de reforçadores, o que parece ter funcionado como operação motivadora para que ela apresentasse a emoção inferida de elação. Por outro lado, nos dois outros momentos, sua ação verbal indicou a presença de estímulos aversivos, parecendo demonstrar que outros controles não explícitos em suas verbalizações estiveram presentes.

Ainda na subcondição (A3) atenção, comentário, foi inferida a emoção de prazer, sendo esta uma das respostas emocionais com menor ocorrência em comparação com as demais. No meio da sessão, a participante verbalizou acerca de sua vontade de morar em sua cidade natal. Sua ação verbal indicou a presença de reforçadores, o que pode ter funcionado como operação motivadora para a emoção de prazer inferida.

Finalmente, na subcondição (A1) atenção, contato olho a olho, também foi inferida uma resposta emocional, o alívio, embora em menor frequência. No meio da sessão, quando verbalizava sobre ter chovido, mas não ter-lhe acontecido nada, constatou-se a retirada do estímulo aversivo. Assim, a ação verbal da participante parece ter funcionado como operação motivadora para a emoção inferida de alívio.

Justifica-se o fato de não terem sido inferidos comportamentos emocionais a partir de todas as condições e subcondições aplicadas, citando-se como exemplo a subcondição (A4) atenção, executar tarefa e a condição controle (C), porquanto se optou por inferir os comportamentos emocionais mais frequentes.

Os dados acerca da história de vida da participante evidenciaram um aspecto importante, já considerado por Britto (2009) quando a autora afirmou que, ao serem buscados os fatos da história de vida de uma pessoa com esquizofrenia, o que se vê é uma história altamente complexa. De fato, a participante deste estudo teve uma infância marcada por agressões verbais e físicas por parte de seus irmãos, além de ser procedente de um ambiente familiar conturbado, tenso e punitivo. Tratam-se, pois, de eventos

ambientais temporalmente distantes, mas que, por seu turno, eliciam fortes emoções e podem alterar o efeito reforçador de eventos a longo prazo (Dougher & Hackbert, 2000).

Com efeito, outros dados da história de vida da participante confirmam a escassez de contatos sociais que é própria de ambientes caracterizados como institucionais (Britto, 2009). Por sua vez, a escassez de contatos sociais pode ser considerada como uma operação motivadora que aumenta momentaneamente o valor reforçador da atenção social (Miguel, 2000). Cumpre lembrar que à época da coleta de dados, havia cerca de três anos que a participante não retornava a seu estado de origem, no qual se encontram seus familiares. Ademais, residia sozinha e contava apenas com os cuidados de uma vizinha para prover-lhe em suas necessidades básicas. Tal como salientou Miguel (2000), operações motivacionais (como de privação de atenção) são um pré-requisito para que determinada consequência (nesse caso, a atenção social) possa, como resultado de uma resposta, adquirir função reforçadora.

Em suma, esses achados estão aqui sendo discutidos em termos das implicações dos efeitos de uma operação motivadora como componente para a análise funcional do comportamento verbal da participante da presente investigação.

Faz-se necessário relatar, ainda, que o objetivo deste estudo incluía replicar a condição controle (C) e, ainda, aplicar um segundo delineamento experimental, o de reversão (ABAB seguido de *follow-up*). Nele, a intervenção estava programada para ser conduzida sobre as FA e as FI com a finalidade de analisar os efeitos da emissão de reforço social às FA, bem como os efeitos da suspensão de reforço social para as FI (Dixon et al., 2001; Wilder et al., 2001; DeLeon et al., 2003; Lancaster et al., 2004; Britto et al., 2006; Santana, 2008). Entretanto, antes do início da aplicação do segundo delineamento programado, os familiares da participante levaram-na de volta a seu estado de origem, por solicitação do CAPS em que ela se tratava há três anos e, por conseguinte, se encontrava

afastada do ambiente familiar. Como largamente sabido que uma ciência não modifica uma realidade, este estudo teve como variável a mortalidade experimental.

Uma questão importante a ser pontuada diz respeito às dificuldades encontradas na realização de estudos desta natureza. Entre elas, a dificuldade de selecionar a participante. Ainda que a pesquisadora tenha podido contar com o auxílio dos profissionais que trabalhavam no CAPS para realizar a seleção da participante, foram necessárias dezenas de visitas à instituição, período em que a pesquisadora realizou observações diretas em contextos de atividades naquela instituição, participou de diversas oficinas, compareceu às caminhadas, coletou dados de prontuários, entre outras atividades. Ademais, antes do momento da coleta de dados, a pesquisadora teve de enfrentar a falta de assiduidade da participante, que se ausentava do CAPS antes do horário pré-definido para as sessões, embora este tenha sido disponibilizado pela instituição, alegando não poder utilizar o transporte coletivo após aquele período. Desse modo, a pesquisa foi realizada na casa da participante.

Sugere-se aos futuros pesquisadores que a análise do comportamento verbal se dê com base no episódio verbal em vez de basear-se na frequência das verbalizações minuto a minuto de cada sessão, ainda que esta seja uma forma de análise recomendada pela literatura (Bauzá & Cifre, 2000).

Sugere-se, ainda, a utilização de um instrumento para mensurar o tom de voz das verbalizações do participante no momento da coleta de dados, o que possibilitará uma forma gráfica de medida. Por não apresentar uma medida em decibéis, porquanto a análise do tom de voz das verbalizações foi feita a partir do material registrado em vídeo, vez que não era objeto de estudo, este trabalho se ateve a apresentar o tom de voz de acordo com as seguintes classificações: baixo, natural e elevado.

REFERÊNCIAS

- Ayllon, T. (1963). Intensive treatment of psychotic behavior by stimulus satiation and food reinforcement. *Behavior Research and Therapy*, 1, 53-61.
- Ayllon, T., & Haughton, E. (1964). Modification of symptomatic verbal behavior of mental patients. *Behavior Research and Therapy*, 2, 87-97.
- Ayllon, T., & Michael, J. (1959). The psychiatric nurse as a behavioral engineer. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 2, 323-334.
- Bauzá, S. F., & Cifre, M. V. (2000). Dos formas de presentar los resultados del análisis funcional de las conductas problema. *Psicothema*, 12(2), 260-266.
- Britto, I. A. G. S. (2009). Esquizofrenia: intervenções operantes. Em: Wielenska, R. C. (Org.), *Sobre comportamento e cognição: desafios, soluções e questionamentos* (Vol. 23, pp. 393-401). Santo André: ESETEC.
- Britto, I. A. G. S., & Elias, P. V. O (2009). Análise comportamental das emoções. *Psicologia para América Latina*, 16(1). Retirado dia 12 de junho de 2009 do endereço <http://www.psicolatina.org/16/index>.
- Britto, I. A. G. S., Rodrigues, I. S., Alves, S. L., & Quinta, T. L. S. (no prelo). Análise funcional do comportamento verbal de um esquizofrênico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*.
- Britto, I. A. G. S., Rodrigues, M. C. A., Santos, D. C. O., & Ribeiro, M. A. (2006). Reforçamento diferencial de comportamentos verbais alternativos de um esquizofrênico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(1), 73-84.
- Camp, E. M., Iwata, B. A., Hammond, J. L., & Bloom, S. E. (2009). Antecedent versus consequent events as predictors of problem behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 42(2), 469-483.
- Catania, A. C. (2008). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. Tradução organizada por D. G. Souza. 4ª Edição. Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1998).
- Cunha, R. N. (2001). Motivação: uma tradução comportamental. Em: R. C. Wielenska (Org.), *Sobre o comportamento e cognição: questionando e ampliando a teoria e as intervenções clínicas em outros contextos* (Vol. 6, pp. 74-78). Santo André: Esetec Editores Associados.
- Cunha, R. N., & Isidro-Marinho, G. (2005). Operações estabelecedoras: um conceito de motivação. Em: J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Análise do comportamento: pesquisa, teoria e aplicação* (pp. 27-44). Porto Alegre: Artmed.

- Darwich, R. A., & Tourinho, E. Z. (2005). Respostas emocionais à luz do modo causal de seleção por conseqüências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7(1), 107-118.
- Dougher, M. J., & Hackbert, L. (2000). Establishing operations, cognition, and emotion. *The Behavior Analyst*, 23(1), 11-24.
- DeLeon, I. G., Arnold, K. L., Rodriguez-Catter, V., & Uy, M. L. (2003). Covariation between bizarre and nonbizarre speech as a function of the content of verbal attention. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 36(1), 101-104.
- Dixon, M. R., Benedict, H., & Larson, T. (2001). Functional analysis and treatment of inappropriate verbal behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 34(3), 361-363.
- Fagundes, A. J. F. M. (1999). *Descrição, definição e registro de comportamento*. 12ª Edição. São Paulo: EDICON.
- Felipe, G. R. (2009). *Análise funcional e treino de habilidades sociais em esquizofrênico e família*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Fischer, S. M., Iwata, B. A., & Worsdell, A. S. (1997). Attention as an establishing operation and as reinforcement during functional analyses. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 30(2), 335-338.
- Hanley, G. P., Iwata, B. A., & McCord, B. E. (2003). Functional analysis of problem behavior: a review. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 36(2), 147-185.
- Honig, W. K. (1975). *Conducta operante: investigación y e aplicaciones*. México: Trillas.
- Iwata, B. A., Dorsey, M. F., Slifer, K. J., Bauman, K. E., & Richman, G. S. (1994). Toward a functional analysis of self-injury. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 27(2), 197-209. (Reedição de *Analysis and Intervention in Developmental Disabilities*, 3, 3-20, 1982).
- Iwata, B. A., Smith, R. G., & Michael, J. (2000). Current research on the influence of establishing operations on behavior in applied settings. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 33(4), 411-418.
- Keller, F. S., & Schoenfeld, W. N. (1973). *Princípios de psicologia – um texto sistemático na ciência do comportamento*. Tradução organizada por C. M. Bori & R. Azzi. São Paulo: EPU. (Trabalho original publicado em 1950).
- Lancaster, B. M., LeBlanc, L. A., Carr, J. E., Brenske, S., Peet, M. M., & Culver, S. J. (2004). Functional analysis and treatment of the bizarre speech of dually diagnosed adults. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 37(3), 395-399.

- Laraway, S., Snyckerski, S., Michael, J., & Poling, A. (2003). Motivating operations and terms to describe them: some further refinements. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 36(3), 407-414.
- Lundin, R. W. (1977). *Personalidade: uma análise do comportamento*. Tradução organizada por R. R. Kerbauy. 2ª Edição. São Paulo: EPU. (Trabalho original publicado em 1969).
- Martin, G., & Pear, J. (2009). *Modificação de comportamento: o que é e como fazer*. Tradução organizada por N. C. Aguirre. 8ª Edição. São Paulo: Roca. (Trabalho original publicado em 2007).
- Martone, R. C., & Zamignani, D. R. (2002). Esquizofrenia: a análise do comportamento tem o que dizer? Em: H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: contribuições para a construção da teoria do comportamento* (Vol. 10, pp. 305-316). Santo André: ESETec Editores Associados.
- Michael, J. (1982). Distinguishing between discriminative and motivational functions of stimuli. *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, 37(1), 149-155.
- Michael, J. (1988). Establishing operations and the mand. *The Analysis of Verbal Behavior*, 6, 3-9.
- Michael, J. (1993). Establishing operations. *The Behavior Analyst*, 16(2), 191-206.
- Michael, J. (2000). Implications and refinements of the establishing operation concept. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 33(4), 401-410.
- Miguel, C. F. (2000). O conceito de operação estabelecadora na análise do comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 259-267.
- Millenson, J. R. (1975). *Princípios de análise do comportamento*. Tradução organizada por A. A. Souza & D. Rezende. Brasília, DF: Coordenada - Editora de Brasília. (Trabalho original publicado em 1967).
- Miranda, E. (2005). *A esquizofrenia sob a perspectiva dos princípios da análise do comportamento*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Ravagnani, L. V., & Sérgio, T. M. P. (2006). Uma proposta de método para estabelecer um estímulo auditivo como uma operação estabelecadora condicionada transitiva. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 126-144.
- Reese, H. (1976). *Análise do comportamento humano*. Tradução organizada por G. P. Wintter. 3ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio. (Trabalho original publicado em 1966).
- Rutherford, A. (2003). Skinner boxes for psychotics: operant conditioning at Metropolitan State Hospital. *The Behavior Analyst*, 26(2), 267-279.

- Santana, L. A. M. (2008). *Comportamento verbal e esquizofrenia: estratégias operantes de intervenção*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Santos, D. C. O. (2007). *Análise da fala psicótica via estratégias operantes de intervenção*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Silva, K. P. (2005). *Análise aplicada e o comportamento diagnosticado como esquizofrênico*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Skinner, B. F. (1978). *O comportamento verbal*. Tradução organizada por M. P. Villalobos. São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1957).
- Skinner, B. F. (1995). *Questões recentes na análise comportamental*. Tradução organizada por A. L. Neri. 2ª Edição. Campinas: Papyrus Editora. (Trabalho original publicado em 1989).
- Skinner, B. F. (2007). *Ciência e comportamento humano*. Tradução organizada por J. C. Todorov & R. Azzi. 11ª Edição. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953).
- Smith, R. G., & Iwata, B. A. (1997). Antecedent influences on behavior disorders. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 30(2), 343-375.
- Staats, A. W. (1996). *Behavior and personality: psychological behaviorism*. (2nd print.). New York: Springer Publishing Company.
- Staats, A. W., & Staats, C. K. (1973). *Comportamento humano complexo: uma extensão sistemática dos princípios da aprendizagem*. Tradução organizada por C. M. Bori. São Paulo: EPU/Edusp. (Trabalho original publicado em 1966).
- Thompson, R. H., & Iwata, B. A. (2005). A review of reinforcement control procedures. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 38(2), 257-278.
- Wacker, D. P. (2000). Building a bridge between research in experimental and applied behavior analysis. Em: J. C. Leslie & D. Blackman (Orgs.), *Experimental and applied analysis of human behavior* (pp. 205-212). Reno: Context Press.
- Wilder, D. A., Masuda, A., O'Connor, C., & Baham, M. (2001). Brief functional analysis and treatment of bizarre vocalizations in an adult with schizophrenia. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 34(1), 65-68.

Apêndices

Apêndice A. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Após ser esclarecido sobre as informações a seguir e, no caso de aceitar que um familiar, diagnosticado como esquizofrênico e institucionalizado nesta Instituição participe desta pesquisa como voluntário, assine ao final deste documento que está em duas vias. Uma delas é sua, enquanto responsável pelo familiar, e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida, procure o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás pelo telefone: (62) 3946-1071. A seguir, algumas informações sobre a pesquisa.

Título: O comportamento verbal do esquizofrênico sob múltiplas condições de controle

Profissionais responsáveis: Profa. Dra. Ilma Aparecida Goulart de Souza Britto, professora do Departamento de Psicologia e dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia *Lato Sensu* e *Stricto Sensu* da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, e Roberta Maia Marcon, psicóloga especialista em Psicopatologia: subsídios para atuação clínica e mestrandia do curso de Pós-graduação em Psicologia *Stricto Sensu* da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, que estarão disponíveis para maiores esclarecimentos através do telefone: (62) 8414-9122 (Roberta).

Descrição da pesquisa: Esta pesquisa objetiva analisar funcionalmente o comportamento verbal de uma pessoa diagnosticada como esquizofrênica.

Procedimento da pesquisa: Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e caso haja o consentimento da Instituição. A coleta de dados será iniciada mediante a assinatura deste termo de consentimento por uma pessoa responsável pelo(a) participante e pelo(a) participante. As sessões experimentais serão realizadas em uma sala, na própria Instituição, sendo todas elas registradas em vídeo a fim de garantir a descrição precisa dos dados pela pesquisadora.

Período de participação: As sessões estão previstas para ocorrer no período de 2 meses, tendo cada sessão duração entre 5 e 7 minutos. Serão realizadas duas sessões por dia, três vezes na semana.

Participação: A participação é voluntária, sendo garantida ao(à) participante a liberdade de encerrar sua participação em qualquer momento da pesquisa, sem nenhum prejuízo à continuidade do acompanhamento/tratamento usual na Instituição frequentada.

Confidencialidade: Os dados desta pesquisa serão usados somente para fins científicos, sendo garantido ao(à) participante o sigilo que assegurará sua privacidade. Diante da provável publicação dos resultados desta pesquisa em periódico especializado e/ou em eventos científicos, fica de antemão estabelecido que o nome do(a) participante não será divulgado.

Riscos: Nesta pesquisa, haverá os riscos do participante: a) não aderir às atividades propostas pela pesquisadora; b) irritar-se com as atividades; e c) sair da sala experimental.

Benefícios: No que diz respeito aos benefícios, ao final do trabalho, o(a) participante receberá tratamento especializado gratuito. Além disso, a família receberá orientação com relação à melhor forma de lidar com este comportamento humano complexo.

Pretende-se disponibilizar o conhecimento científico decorrente desta pesquisa comportamental às pessoas que sofrem com esta classe de comportamento humano complexo, assim como ao meio social do esquizofrênico.

Assinatura do(a) responsável pelo(a) participante

Profa. Dra. Ilma Aparecida Goulart de Souza Britto – Professora Orientadora

Roberta Maia Marcon, psicóloga – Pesquisadora

Data: ____/____/____.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG _____ n° _____,

concordo em participar do estudo intitulado “O comportamento verbal do esquizofrênico sob múltiplas condições de controle” como sujeito (participante).

Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Roberta Maia Marcon sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/assistência/tratamento.

Local e data: _____

Nome do sujeito ou responsável: _____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceitação do sujeito em participar.

Testemunhas (não ligada à equipe de pesquisadores):

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Assinatura: _____

Observações complementares: _____

Apêndice B. Folha de Registro de Observação

FOLHA DE REGISTRO DE OBSERVAÇÃO

Técnica de observação:

Delineamento de múltiplas condições

Condição: _____.

Data: ____/____/____.

Ambiente: _____.

Início: _____ Término: _____ Duração total: _____

Intervalo (min)	Atividade verbal
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	

Legenda: (x) = ocorrência; (.) = não ocorrência.

Apêndice C. Gravuras



**PARA ONDE
VAO AS ÁGUAS
DE MARÇO?**

**ACÇÃO HUMANA,
AQUECIMENTO GLOBAL E
MUDANÇAS CLIMÁTICAS**
PÁGINAS 12 E 13

**CFP prepara
a conclusão do
Ano da Educação**
Páginas 12 e 13

**FSM: pela
descolonização
do pensamento**
Páginas 12 e 13



**NENHUMA FORMA DE
VIOLÊNCIA VALE A PENA**

Páginas 12 e 13

Apêndice D. Tabelas com transcrições literais das verbalizações da participante

Tabela 5 – Amostra de falas selecionadas na aplicação da subcondição (A1) atenção, contato olho a olho.

Tempo (min)	Falas selecionadas	Subcategoria
1	<p>“Quem sabe isso que cê tá ruim, ninguém sabe, ninguém sabe o que é. Eu digo que é encosto isso. Eu não tenho certeza.”</p> <p>“Eu não era assim não na outra casa. Eu não era assim não. Mas diz a mãe que isso é encosto.”</p> <p>“Tem vez que eu choro. Já chorei muitas vezes, assim, porque a mãe não tá aqui. Tô gripada, só ando chorando.”</p>	Sem nexos Mística Apropriada
2	<p>“Eu não era assim. Eu conversava, eu era alegre com todo mundo. Não era assim não. Não batia na mãe não.”</p> <p>“Minha mãe quer que eu case, porque ela eu fico conversando com ela, assim.”</p> <p>“Mas ela [mãe] vem em julho. Já ligou. Ela diz que vem em julho, dia 19 de julho. Tá me enganando, tá me enganando. 19 de julho ainda tá longe. Ela vem logo. Não vem agosto não, vem logo. Não quero saber de nada. Vem logo lá pra riba.”</p>	Apropriada Sem nexos Repetitiva
3	<p>[se referindo à sua mãe] “Pra ficar aqui comigo, porque eu fico aqui sozinha. Para fazer as coisas aqui pra mim, porque eu não tô boa, tô doente. Bati a cabeça no sofá. Tô com a cabeça doendo toda hora. Não posso tomar sol, não posso ficar dentro de casa. Essa hora é ruim ficá dentro de uma casa só. É ruim demais. Quando eu era criança, eu fiquei naquela casa só. E ficar aqui, num lugar desse perigoso.”</p> <p>“Primeira casa era uma casinha velha, que a gente morava. Aí, depois, a gente passou para a casa de meu pai. A casa era grande. Aí, nois saiu de lá e já tamo morando em outra rua.”</p> <p>“Choveu muito, mas não aconteceu nada não.”</p>	Apropriada Apropriada Apropriada
4	<p>“Mamãe tá doente. Mamãe ligou e agora não ligou mais. Queria falar com ela. Ela ligou de dia. Não podia ligar de noite. Mas eu quero falar com ela.”</p> <p>“Não tenho o número do telefone não.”</p>	Apropriada Apropriada
5	<p>“Ela [mãe] vai vir, mas é julho. Ela disse no telefone 19, mas ela não vem 19, ela vem no começo agora.”</p> <p>“Ela [mãe] vem logo tirar o dinheiro, guarda o dinheiro e vem. Não fica pra lá não e vem todo mês. Melhora logo desses zoião regaçado e vem logo embora. Não posso ficar aqui sozinha não.”</p> <p>[ao se referir à vizinha] “Às vezes sai. Daí, eu fico aqui sozinha. A Lurdes não pode sair daí enquanto eu tiver aqui. A Lurdes não pode ficar saindo. Agora ela saiu, mas tem vez que ela sai pra um lugar, aí de carro, e demora a chegar. Não sei se é pra uma festa. Mas esse dia ela disse que tinha ido para uma festa. Eu pedi pra ela ir, mais ela falô que não ia me levá porque lá é um lugar muito perigoso e mulher não entra sem pagar.”</p> <p>“Disse que tem um homem com doença. Se esse homem não pode tá doente não, ela falou eu tô lascada.”</p>	Apropriada Bizarra Apropriada Bizarra

Tabela 6 – Amostra de falas selecionadas na replicação da subcondição (A1) atenção, contato olho a olho.

Tempo (minuto)	Falas selecionadas	Subcategoria
1	“Eu sorrio muito.”	Apropriada
2	“Quando compro uma roupa nova, fico sorrindo.”	Apropriada
3	“Tem vez que eu fico com raiva, brigo.”	Apropriada
4	“Quando eu tava deitada, quando foi de manhã cedo, vi um santinho, assim, e a rodinha na cabeça dele. E ele com um casacão, assim, e a blusa preta. Um santinho. Todo dia de manhã eu vejo. De manhã que eu vejo.”	Mística
5	“Ele [santinho] é pretinho com os olhos preto, do cabelão preto. E a rodinha tá na cabeça. [risos]” “Não pode sorrir dele não. Não pode sorrí assim. Não pode sorrí não.” “Vejo ele [santinho] de manhã.”	Mística Repetitiva Mística

Tabela 7 – Amostra de falas selecionadas na aplicação da subcondição (A2) atenção, contato físico.

Tempo (min)	Falas selecionadas	Subcategoria
1	“Brigo, rumo pau pela parede. Não sei que que é. Não era assim. Arrumar pau nas parede.” “Não era assim.” “Depois que eu vi uma pessoa, um homem, dei para arrumar pau na parede.” “Ele é preto. Eu conheço ele. Não tava lembrada mais dele.” “Fico com raiva.” “Passei a ser assim.”	Repetitiva Apropriada Mística Bizarra Apropriada Apropriada
2	“Ele [homem que viu] num mora aqui. Mora lá na minha cidade. (...) Mas tem vez que ele não sai daí do supermercado. Sempre é ele.” “Fiquei com raiva.” “Não sei por que arrumei pau na parede. Fiquei com raiva.”	Bizarra Apropriada Apropriada
3	“Vi uma coisa assim estranha, escura, na parede. Vi a cabeça e um corpo, assim escuro. Ele como por ser gordo, aquele corpo gordo. Não sei o que que é. Todo mundo tá dizendo, sabe o que é que todo mundo tá dizendo, que é a tia Lurde, a tia nossa lá de Brasília tá em mim. Eu tô achando que é ela. Alguém morreu por lá e tá ni mim.” “Nela [tia] também tinha um encosto ruim. Talvez pode até ter sido que passou pra mim, né? Pode ser que pra família dela também. Quem sabe se não é.”	Mística Mística
4	“O povo liga e me diz que ela tá bem. Mas acho que é encosto dela, da casa dela.” “Quando eu era criança, eu era gorda, era preta, eu era mais preta ainda, mais preta que eu tô agora. Era mais preta.” “Eu era gorda assim. Quando era ainda mais gordo do que eu, eu era gorda. Aí, eu fui pra casa dela [tia] e comi. Ela disse ‘É pra comê tudo’ e não sei o que. Eu disse ‘Oh, tia, não quero mais, não. Já comi. Não quero mais, não.’ Aí, eu botei assim pro cachorro comê. Ela falou ‘Não é pra dá pro cachorro, não, é pra comê tudo.’ Eu disse ‘Não, não quero mais, não.’ Ela falou ‘Come. É pra você comê.’ E disse que nela tinha um encosto. Tem vez que ela fica no ruim também.” “Eu era gorda.”	Mística Repetitiva Bizarra Apropriada
5	“Ela [tia] mora em Brasília. Não é separada. Ela é casada. O marido dela é preto, assim, gordo também, o marido dela.” “Ela tem duas filhas, todas tem o cabelo bom. É magra, não é gorda. E tem um filho. Três filhos, um filho homem e duas meninas mulher.” “Eu fiquei muito mês na casa dela [tia].”	Apropriada Apropriada Apropriada
6	“Isso tem tempo, quando eu era criança. Eu tinha uns 11 anos, 10 anos, por aí.” “Minha mãe sabe, meu irmão, ele é alto, moreno, cabelo cacheado. Tem outro também, só que é branco, mais novo, baixinho. Esse mais moreno [irmão] diz que tem encosto ni mim. Ele acha que é encosto. Diz que já viu um homem ni mim. Diz que esse homem é branco, de chapéu. Mas não é esse que tá ni mim, é outro.” “Eu não era desse jeito.”	Apropriada Mística Apropriada
7	“Nóis mudou, mudou até de cidade. Já morou não sei em quantas casas.” “Eu não olhava pra parede assim, encarava pra parede assim. Depois que eu passei pra casa do meu pai, pra essa casa nova do meu pai, a casa não era rachada não, era nova a casa, toda nova. A sala era grande, só a cozinha que era pequena. A sala era grande. Os quartos era grande. Só tinha um banheiro. Eu gostava mais dela [casa do pai].” “Esse encosto ficou ni mim. Ficava olhando pras parede, ficava olhando pras telha, pro céu. Sempre olho.” “Sempre olho pra lua e falo alguma coisa, porque já esqueci. Mas eu falo. Falo de São Jorge, fico falando.” “Se a lua tá virada praculá, que a lua fica virada praculá. Se ela fica praculá.”	Apropriada Repetitiva Mística Bizarra Repetitiva

Tabela 8 – Amostra de falas selecionadas na replicação da subcondição (A2) atenção, contato físico.

Tempo (min)	Falas selecionadas	Subcategoria
1	Não ocorrência de comportamento verbal.	
2	“Eu ia matar.”	Ameaçadora
3	“Por causa dessa menina. Vou bater nela. Quero morrer.”	Ameaçadora
4	Não ocorrência de comportamento verbal.	
5	“Minha irmã machucou minha cabeça na cerâmica. Sai de lá. Fiquei com raiva. Parece que eu queria matar ela.”	Ameaçadora
	“Tava com raiva.”	Apropriada
	“Eu não gosto que você. Fala isso pra mim não. Isso assim comigo não.”	Apropriada
	“Eu fico fera. Não pode falar assim comigo.”	Ameaçadora
6	Não ocorrência de comportamento verbal.	
7	Não ocorrência de comportamento verbal.	

Tabela 9 – Amostra de falas selecionadas na aplicação da subcondição (A3) atenção, comentário.

Tempo (min)	Falas selecionadas	Subcategoria
1	<p>“Uma vez ele pegou um pau lá [risos]. Correu atrás de mim. Daí, eu corri. Mas só deve acho que é porque eu bebi. Mulher, eu não posso beber. Eu bebi dessa bebidinha, bebida, ali, cerveja, ali, que um amigo meu me deu. Esse rapaz também queria casar comigo, né? Eu não quis.”</p> <p>“Ele queria, mas depois desistiu. Mais eu não quis casar. Depois, me deu uma cerveja lá, eu bebi e o menino disse, assim, aquele outro rapaz, bem ali, esse que queria casar comigo, esse outro é moreno, disse assim ‘Você pode beber bebida.’”</p> <p>“Falei ‘Posso’. Mas eu não posso beber bebida. Não posso beber enquanto eu tiver tomando injeção no meu bumbum. Eu não posso beber bebida.”</p>	Sem nexos Bizarra Apropriada
2	<p>“Tem vez que eu fico tonta. Acabo de comer, fico deitada. Aí, tá certo, porque acabo de comer e fico deitada.”</p> <p>“Tem vez que passa. Quando eu vou passar a unha, bati a cabeça em cima. Lá nesse sofá tá doendo.”</p> <p>“Na casa dela tem sofá, tem estante, tem televisão colorida desse tamanho aqui. Comprar uma televisão para cá, que essa aí tá ruim. Se essa aí ficar ruim, vou comprar uma televisão grande, do tamanho daquela que a menina tinha colorida. Aí, tem tomada. Coloca a tomada. Daí, assisto a novela todinha e tá bom.”</p>	Apropriada Sem nexos Apropriada
3	<p>“Comprar a vista para pagar.”</p> <p>“Tava sentada, assim, tentando que sou certa.”</p> <p>“Fiz assim, mulher. Fiz assim. Deitei assim. Puf. Bati a cabeça lá.”</p> <p>“Tá doendo [se referindo à cabeça]. Na hora que eu pego, assim, e passo a mão, assim, dói.”</p> <p>“Parece que tem é gente querendo me matar. Não sei quem é não. Não sei o que era não.”</p> <p>“Eu caí. Eu caí. Eu ralei isso aqui [olhando para o joelho]. Isso aqui fez um corte, mas não fez um corte muito fundo não, igual esse daqui não. Esse aqui fez um corte, que eu caí numa cadeira, fez um corte. Aí, eu fiz um corte. Aí, fez uma ferida.”</p> <p>“Tô passando um creme, melhorou mais.”</p>	Apropriada Sem nexos Repetitiva Apropriada Coercitiva Repetitiva Apropriada
4	<p>“Quando fui atendida, melhorou [se referindo à ferida]. Tô passando creme não sei de que. Não machucou muito não. Agora aqui, aqui também machucou. Eu botei água e sal. Foi o que melhorou mais. Tá coçando.”</p> <p>“Eu que bati isso aqui lá no chão, da pista. E tá doendo na hora que eu pego, assim, dói. Ainda bem que ninguém viu eu caindo. Ih! Tá saindo sangue, ó!”</p> <p>“Eu corri dele. Ele pegou uma faca, assim, para rumar em mim e eu corri dele.”</p> <p>“E ele bebe. Não sei se é porque ele tava bêbado, por causa desse encosto. A gente não sabe o que é.”</p>	Apropriada Apropriada Coercitiva Bizarra
5	<p>“Já chamou para mim beber mais ele. Oh, meu Deus do céu. Ele chamou pra mim bebê mais ele e, e, chamando pra mim dançar. Disse que vai pegar doido [risos].”</p> <p>“‘Para com isso, Claudionor’, eu disse. ‘Você num tá certo não, Claudionor.’ Eu tava a fim dele. Ele entrou lá, entregou o balde, tá meio certo não o Claudionor. Tranco o portão e entrei pra dentro [risos].”</p> <p>“Mas o Claudionor tem mulher. Mais um cara igual àquele solteiro, que não tem mulher, fica se exibindo. E aquele também, tem vez que aquele fica exibindo lá.”</p>	Bizarra Bizarra Sem nexos

Tabela 10 – Amostra de falas selecionadas na replicação da subcondição (A3) atenção, comentário.

Tempo (min)	Falas selecionadas	Subcategoria
1	<p>“Tênis é de homem, tem cadaço e tudo. Tem aquela cordinha. Pode ser o que for, mas tênis é de homem.”</p> <p>“Eu usava [tênis], mas não era toda pessoa não. Lá, aquele povo tudo tava dando pra usar lá.”</p> <p>“Na minha cidade, as festas junina é boa. As festas de lá é boa. Assim, na praça, é boa.”</p> <p>“Eu tenho vontade de morar, de passear e não voltar mais.”</p>	<p>Repetitiva</p> <p>Sem nexos</p> <p>Repetitiva</p> <p>Apropriada</p>
2	<p>“Mas se eu voltar, eu vou voltar de novo. Mas eu quero sair dali. Aqui é muito distante de Catolândia, é muito longe.”</p> <p>“Esse quartinho aqui é muito velho. Gosto de casa velha não. Aqui é muito pequeno, muito pequeno.”</p>	<p>Repetitiva</p> <p>Repetitiva</p>
3	<p>“Tem espaço [casa grande]. Pode colocar televisão colorida, pode colocar no quarto, num canto. Pode colocar, assim, os colchão. Pode colocar roupa no guarda-roupa. Pode colocar as cadeiras. Depois, pode colocar o sofá.”</p> <p>“Tem vez que eu acho ruim a rua sem ninguém. Olho, assim, a rua sem ninguém. É ruim demais.”.</p>	<p>Apropriada</p> <p>Apropriada</p>
4	<p>“Gosto de minha mãe. Gosto tanto dela. Ela não fica perto não. Fica sempre.”</p> <p>“Só que um dia, não sei o que é, não sei se é encosto, um dia, eu fiz sangue nela [mãe], na cabeça dela. Eu, às vezes, penso que ela já morreu. Eu fiz sangue na cabeça dela. Ela ficou ruim.”</p>	<p>Sem nexos</p> <p>Bizarra</p>
5	<p>“Tem aquela maternidade, assim, grande. É a maternidade onde a muié ganha menino. Ela tava passando mau, tava ruim, com esse sangue que eu fiz na cabeça dela. Ficou nesse lugar internada, teve que internar.”</p> <p>“Tem os quartos, os quarto é pequeno. Tem as cama, que é de ferro. Ela teve que tomar soro, mas tá tudo bem.”</p> <p>“Não sei como é que foi isso não. Eu não era assim não. Foi depois que eu passei pra casa do meu pai que fiquei assim. Eu não era assim não.”</p> <p>“Eu continuo batendo nela [mãe]. Não sei o que é não. Sei se é encosto, não sei o que é que é não. Mas mãe, eu não quero fazer isso com você, não. Se você morrer, eu quero morrer. Ela disse: ‘Eu sei, minha filha.’”</p>	<p>Apropriada</p> <p>Apropriada</p> <p>Repetitiva</p> <p>Mística</p>

Tabela 11 – Amostra de falas selecionadas na aplicação da subcondição (A4) atenção, executar tarefa.

Tempo (min)	Falas selecionadas	Subcategoria
1	[ao olhar material entregue pela pesquisadora sobre casas alagadas] “Uma mulher. O que é isso na mão dela?” [ao nomear o que via na revista] “Uma trouxa de roupa, um homem.”	Apropriada Apropriada
2	“Pode ser.”	Apropriada
3	[ao ler o que escreveu] “Casa que não mora gente.” “Sei mais não.” “Pescando, né?” [em seguida, escreveu “pescando”].	Apropriada Apropriada Apropriada
4	Não ocorrência de comportamento verbal.	
5	“Já morei em casa velha.” [em seguida, escreveu a frase] Sussurros (12 s). “Eu já coloquei aqui, casa.” [ao ler o que escreveu] “Já morei em casa velha, casa nova.”	Apropriada Apropriada Apropriada
6	“Eu gostava mais dessa casa, grande.” [em seguida, escreveu “grande”]	Apropriada
7	Não ocorrência de comportamento verbal.	

Tabela 12 – Amostra de falas selecionadas na replicação da subcondição (A4) atenção, executar tarefa.

Tempo (min)	Falas selecionadas	Subcategoria
1	[ao ler o que escreveu acerca de violência] “Violência é uma coisa que tem que ter muito cuidado. Não deixa porta aberta.” [ao ler o que escreveu] “Eu acho errado é ele. Ele não pode fazer isso.”	Apropriada Coercitiva
2	[ao ler o que escreveu] “Maltratar não pode.”	Apropriada
3	[ao ler o que escreveu] “Forçar também não.” [ao reler o que escreveu] “Maltratar não pode. Forçar também não pode.”	Apropriada Apropriada
4	[ao ler o que escreveu] “Não pode obrigar ninguém.”	Apropriada
5	Não ocorrência de comportamento verbal.	
6	“Disse que ele tá ruim. Ele deve tá ruim mesmo. Não acredito não.” [releu todo o texto] “Vixe Maria, esse tanto!”	Bizarra Apropriada Apropriada
7	“Quero escrever mais não. Não tenho cabeça para escrever não.” “Não pode matar ninguém. Tá escrito. Tem uns que estupra, mata.”	Apropriada Apropriada

Tabela 13 – Amostra de falas selecionadas na aplicação da subcondição (S1) sozinha, sem demanda.

Tempo (min)	Falas selecionadas	Subcategoria
1	Não ocorrência de comportamento verbal.	
2	Sussuro (2s).	
3	Não ocorrência de comportamento verbal.	
4	Não ocorrência de comportamento verbal.	
5	Não ocorrência de comportamento verbal.	
6	Não ocorrência de comportamento verbal.	

Tabela 14 – Amostra de falas selecionadas na replicação da subcondição (S1) sozinha, sem demanda.

Tempo (min)	Falas selecionadas	Subcategoria
1	[havia lavado roupa nesse dia. Ao olhar para suas unhas] “Tá cheio de sujeira na unha, que é do sabão.”	Apropriada
	[ao olhar as pulseiras que usava] “Tô com raiva de uma pulseira dessa. Jogar isso fora. Tá relaxado. Não sei como que essa pulseira relaxou desse jeito.”	Apropriada
	[diante da propagando de carro de som] “Eu gosto é de batata.”	Apropriada
	“As pernas da bicicleta não sei o que. Só tá as pernas da bicicleta.”	Sem nexos
2	“Quem fez isso comigo vai saber o que é bom.”	Ameaçadora
	[ao olhar para seu calçado] “Agora, pra lavar, tinha que lavar bem lavado, que aí não sai o forro da sandália. Ela é levinha, mais ela escorrega. Comprar daquelas lá, azulinha. Isso aí escorrega demais. Essa daí é levinha, mais isso aí escorrega.”	Apropriada
3	“Cuidado com esses negro surdo, que eles tá cheio do que não presta, esses negro su-sujo, aí. Não é só gente branco, não. Negro com preto, tudo tá a mesma coisa, perdido. Parece que tá cheio do que não presta.”	Sem nexos
	“Tem um menino aculá querendo sai da casa, da casa da menina ali, dessa muié ali, porque ela fez algum tipo de trem ruim, porque ela não tá com, com a, com, com a menina quer cair fora dessa casa aí. Não sei o que é. Se não tiver com medo de meninão besta. Como eu acho meninão besta.”	Sem nexos
4	[ao tocar seu ombro] “Parece que aqui tá doendo, tá inchado. Tá doendo. Será que é porque eu deitei assim? [fez movimento] Não, isso foi da queda. Isso aí.”	Apropriada
	“Se eu não parar de bater na mãe, de dar pancada nela, rancar até sangue nela, Deus me livre, Deus me livre deixar. Eu quero morrer. Isso não é, não é coisa comigo. Isso é encosto da sombra mal. Um homem, uma sombra mal, que tomou conta de mim. Isso tá apunderando demais. Onde eu vou, ele vai. Onde eu vou, ele vai.”	Mística
5	“Eu não tô com ele, mas tá no meu rumo, igual uma sombra, aí. Quer ver uma sombra aí. Até agora, a sombra veio me ver.”	Bizarra
	[ao cheirar suas axilas] “Sobaco tá suado.”	Apropriada
	“Meus pés fica como quem tá dentro da geladeira. Chega que adormece.”	Bizarra
6	“Aquele véi ruim. Eu que não posso facilitar ele.”	Ameaçadora
	“Quando eu passei para aquele lado de lá, não sabia que ele tava aí, não.”	Bizarra
	[ao olhar para um inseto no chão] “Que é isso? Parece uma lombriga.”	Apropriada

Tabela 15 – Amostra de falas selecionadas na aplicação da subcondição (S2) sozinha, com demanda.

Tempo (min)	Falas selecionadas	Subcategoria
1	[ao escrever, lê o que está escrito] “Eu tô boa, mas não tô muito boa. Meu sonho é ganhar uma casa de portão. Meu sonho é ganhar uma roupa, um short.” “Quem disse que eu não vou fazer nada com você? Eu vou fazer.”	Apropriada Ameaçadora
2	[continua a escrever e a ler o que está escrito] “Uma blusa, sandália ariada.” “Faz favor aqui.”	Apropriada Apropriada
3	Eu vou matar essa menina. Essa menina vai fazer reportagem de mim. Eu vou atíçar você num a, num a, num dedo meu.	Ameaçadora
4	[continua a escrever e a ler o que está escrito] “Um sapato fechado luminoso.” “Você ouviu o que eu falei? Você ouviu o que eu falei, menina?”	Apropriada Apropriada
5	[continua a escrever e a ler o que está escrito] “Sinto dor de cabeça. Passa uma injeção boa. Tô muito fraca.”	Apropriada

Tabela 16 – Amostra de falas selecionadas na replicação da subcondição (S2) sozinha, com demanda.

Tempo (min)	Falas selecionadas	Subcategoria
1	Não ocorrência de comportamento verbal.	
2	[lê o que está escrito] “Não falo. Eu não acho ruim fica só.”	Apropriada
3	[lê o que está escrito] “Eu não acho ruim fica só. Eu converso só. Fico conversando só.”	Apropriada
4	[lê o que está escrito] “Falo de roupa, falo de café.”	Apropriada
5	“Aí já tá bom. Escrevi.”	Apropriada

Tabela 17 – Amostra de falas selecionadas na aplicação da condição controle (C).

Tempo (min)	Falas selecionadas	Subcategoria
1	“As pulseirinhas. Linda as pulseirinhas.” “É para mim?”	Apropriada Apropriada
2	“Uma lixa. Vou guardar.” “E esse brinco? Brinco. Bonitinho esse brinco. Só que eu tô com a orelha que não pode furar. Tão bonito esse brinco.” Sussurros (2 s). “Isso aqui é brinco?”	Apropriada Apropriada Apropriada
3	Sussurros (2 s).	
4	“O que é isso?” Sussurros (8 s).	Apropriada
5	Sussurros (6 s).	
6	Sussurros (10 s).	
7	Não ocorrência de comportamento verbal.	

Apêndice E. Tabelas sobre topografias, tom de voz e emoção inferida nas subcondições (A1) atenção, contato olho a olho, (A2) atenção, contato físico, (A3) atenção, comentário, (S1) sozinha, sem demanda e (S2) sozinha, com demanda.

Tabela 18 – Topografia, tom de voz e emoção inferida na subcondição (A1) atenção, contato olho a olho.

Verbalização	Topografia	Tom de voz	Emoção inferida
“(…) já chorei muitas vezes, assim, porque a mãe não tá aqui.”	Ergueu a cabeça Olhou em direção à pesquisadora	Natural	Aboircimento
“(…) Tá me enganando, tá me enganando. 19 de julho ainda tá longe. Ela [mãe] vem logo. Não vem agosto, não, vem logo. Não quero saber de nada (…).”	Olhou para os lados Movimentou as mãos Girou o corpo na cadeira	Elevado	Raiva
“Pra ficar aqui comigo, porque eu fico aqui sozinha. Para fazer as coisas aqui pra mim, porque eu não tô boa, tô doente.”	Olhou para baixo Movimentou as mãos Falou de modo acelerado	Elevado	Raiva
“Choveu muito, mas não aconteceu nada não.”	Desviou o olhar da pesquisadora Abaixou a cabeça	Natural	Alívio
“Mamãe tá doente. Mamãe ligou e agora não ligou mais. Queria falar com ela (…).”	Olhou para baixo Mexeu nas pulseiras de seu braço	Baixo	Tristeza
“Melhora logo desses zoião regaçado e vem logo embora. Não posso ficar aqui sozinha, não.”	Abaixou a cabeça Olhou para baixo Ergueu a cabeça Olhou em direção à pesquisadora	Elevado	Raiva
“(…) é pretinho [santinho], com os olhos preto, do cabelão preto. E a rodinha tá na cabeça.”	Abaixou a cabeça Olhou para baixo Movimentou as mãos Ergueu a postura corporal Olhou em direção à pesquisadora Sorriu	Natural	Elação

Tabela 19 – Topografia, tom de voz e emoção inferida na subcondição (A2) atenção, contato físico.

Verbalização	Topografia	Tom de voz	Emoção inferida
“Depois que eu vi uma pessoa, um homem, dei para arrumar pau na parede.”	Olhou para cima Olhou para os lados Fez gestos com as mãos Apontou o dedo indicador movimentando-o	Natural	Raiva
“Não sei por que arrumei pau na parede. Fiquei com raiva.”	Olhou para cima Olhou em direção à pesquisadora	Natural	Aborrecimento
“Vi a cabeça e um corpo, assim, escuro. Ele como por ser gordo, aquele corpo gordo.”	Movimentou as mãos Olhou em direção à pesquisadora	Elevado	Elação
“comê tudo’ e não sei o que. Eu disse ‘Oh, tia, não quero mais, não. Já comi. Não quero mais, não.’”	Olhou para cima Movimentou as mãos	Natural	Ansiedade
“[irmão] diz que já viu um homem ni mim. Diz que esse homem é branco, de chapéu. Mas não é esse que tá ni mim, é outro.”	Olhou em direção à pesquisadora	Natural	Aborrecimento
“Esse encosto ficou ni mim.”	Movimentou as mãos Olhou em direção à pesquisadora	Elevado	Raiva

Tabela 20 – Topografia, tom de voz e emoção inferida na subcondição (A3) atenção, comentário.

Verbalização	Topografia	Tom de voz	Emoção inferida
“Uma vez ele pegou um pau lá, correu atrás de mim (...)”.	Olhou para cima Girou a cabeça para o lado Olhou para baixo Sorriu	Natural	Elação
“Falei posso [à pergunta se podia beber bebida], mas eu não posso beber bebida.”	Fez gestos com as mãos Apontou o dedo indicador movimentando-o Olhou em direção à pesquisadora	Elevado	Raiva
“(...) bati a cabeça em cima. Lá, nesse sofá. Tá doendo.”	Abaixou a cabeça Olhou para baixo Acarinhou a cabeça com uma das mãos	Baixo	Tristeza
“Parece que tem é gente querendo me matar. Não sei quem é, não.”	Desviou o olhar da pesquisadora	Elevado	Ansiedade
“Eu tenho vontade de morar [se referindo à sua cidade natal], de passear e não voltar mais.”	Olhou para baixo Sorriu	Natural	Prazer
“Tem espaço [casa grande]. Pode colocar televisão colorida, pode colocar no quarto, num canto. Pode colocar, assim, os colchão. Pode colocar roupa no guarda-roupa. Pode colocar as cadeiras. Depois, pode colocar o sofá.”	Olhou para baixo Olhou para cima Olhou em direção à pesquisadora Movimentou as mãos Sorriu	Elevado	Elação
“(...) não sei se é encosto. Um dia, eu fiz sangue nela [mãe], na cabeça dela.”	Ergueu o corpo Olhou para cima Fez gestos com as mãos	Elevado	Elação
“Mas mãe, eu não quero fazer isso com você, não. Se você morrer, eu quero morrer.”	Olhou fixamente para o lado	Baixo	Tristeza

Tabela 21 – Topografia, tom de voz e emoção inferida na subcondição (S1) sozinha, sem demanda.

Verbalização	Topografia	Tom de voz	Emoção inferida
“Quem fez isso comigo vai saber o que é bom.”	Olhou para baixo Balançou a cabeça em sinal de discordância	Elevado	Raiva
“Negro com preto, tudo tá a mesma coisa, perdido. Parece que tá cheio do que não presta.”	Olhou para cima Movimentou as mãos	Elevado	Raiva
“(…) ela fez algum tipo de trem ruim, porque ela não tá com, com a, com, com a menina quer cair fora dessa casa aí. Não sei o que é.”	Olhou para cima Apontou o dedo indicador movimentando-o	Elevado	Raiva
“Parece que aqui [ombro] tá doendo, tá inchado. Tá doendo.”	Acarinhou seu ombro com uma de suas mãos Olhou para baixo	Baixo	Tristeza
“Um homem, uma sombra mal, que tomou conta de mim. Isso tá apudorando demais. Onde eu vou, ele vai. Onde eu vou, ele vai.”	Movimentou as mãos Movimentou-se na cadeira Olhou para cima Abaixou a cabeça Olhou fixamente para baixo	Elevado	Ansiedade

Tabela 22 – Topografia, tom de voz e emoção inferida na subcondição (S2) sozinha, com demanda.

Verbalização	Topografia	Tom de voz	Emoção inferida
“Quem disse que eu não vou fazer nada com você? Eu vou fazer.”	Parou de escrever Olhou fixamente em direção à folha	Baixo	Aboirrecimento